



JADER CRUZ

A CULTURA WOKE

**O líder de jovens em
uma era de sutilezas**



JADER CRUZ

A CULTURA WOKE

**O líder de jovens em
uma era de sutilezas**

A CULTURA
WOKE

Jader Cruz

A CULTURA **WOKE**

O líder de jovens em
uma era de sutilezas

1ª Edição



Rio de Janeiro
2025

Todos os direitos reservados. Copyright © 2025 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na web e outros), sem permissão expressa da Editora.

Preparação dos originais: Cristiane Alves

Revisão: Daniele Pereira

Capa: Elisangela Santos

Projeto gráfico e editoração: Anderson Lopes

Livro Digital: Cumbuca Studio

CDD: 240 – Moral Cristã e Teologia Devocional

e-ISBN: 978-65-5968-419-9

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <https://www.cpad.com.br>

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2025

Dedicatória

Dedico este livro aos líderes das novas gerações, homens e mulheres que amam a causa e ofertam suas vidas em favor do Reino. Que esta obra seja uma ferramenta que inspire e fortaleça a liderança de cada um de vocês, para que juntos possamos tocar o coração de nossos alunos com amor.

Agradecimentos

Ao meu Senhor Deus, por me inspirar e me encorajar todos os dias.

À minha preciosa e amada esposa, por cuidar de mim incondicionalmente, oferecendo apoio, amor e compreensão em cada passo desta jornada.

Aos meus doces filhos, Benjamin e Liz. Vocês também me inspiram com sua alegria e pureza.

À minha igreja, Assembleia de Deus de Bonsucesso, por ser meu lugar de refúgio e fortalecimento espiritual, e aos meus irmãos em Cristo, que caminham comigo em fé, lembrando-me, com orações e gestos, do poder de sermos uma comunidade unida.

Agradeço especialmente a todos aqueles que oram por mim, mesmo em silêncio, sustentando cada iniciativa e pedido com muito amor.

À Editora CPAD, por acreditar em meu trabalho. Sinto-me honrado por caminhar ao lado de vocês.

Prefácio

Conheço o pastor Jader Cruz há mais de uma década. Tive a alegria de testemunhar o lançamento do seu primeiro livro voltado para jovens e adolescentes, no qual é notória a paixão por ele vivida em relação ao cuidado com a nova geração.

Naquela época, ele liderava os jovens na sua igreja, e aquele livro pequeno em tamanho era um degrau no qual foi possível vislumbrar o autor que ele se tornaria, tendo um vasto número de publicações com temas sensíveis relacionados à infância, adolescência, juventude, família, violência doméstica, e nesta obra de maneira específica alertando os líderes de jovens para os perigos da cultura woke.

Tendo referenciado a qualidade e autoridade do autor e do livro *A Cultura Woke e as Implicações aos Líderes das Novas Gerações*, proponho-me a enfatizar que o Espírito Santo usou o pastor Jader Cruz para alertar, instruir e encorajar a liderança de juventude da igreja a conhecer e combater os males de uma cultura que a cada dia ganha mais espaço dentro da sociedade.

O autor inicia conceituando a cultura woke, pois, sem a compreensão intelectual, como podemos vencer a guerra pelas mentes? Nosso trabalho foi descrito pelo apóstolo Paulo em 2 Coríntios 10.5, quando ele disse: “Destruindo os conselhos e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo entendimento à obediência de Cristo”. Para sermos líderes eficazes, precisamos conhecer as Escrituras e o espírito do tempo em que vivemos, e os desafios que nos são propostos.

Com argumentação concisa e coerente, fundamentação bíblica e vasta bibliografia, inclusive com dados estatísticos, o autor mostra que, em diversas questões específicas, a cultura woke tem fomentado discussões e exercido influência, em especial, sobre as novas gerações. Enfrentando os temas, a obra os elucida segundo a ética cristã e condena a abordagem da metanarrativa woke exemplificando os seus malefícios para a igreja e a sociedade. Justiça social, questões de identidade, ética sexual, a desconstrução das autoridades, a desconstrução da sexualidade, o amor como falso discurso, a influência da

cultura woke nas universidades e nas redes sociais, lideranças cristãs coniventes e a importância da educação cristã para o combate contra essa ideologia maligna são alguns dos assuntos tratados.

Escrevendo de maneira simples, com uma didática atrativa e com profundidade, além do aspecto de conceituação e dissertação, o livro é um guia prático para todos que lidam com jovens e adolescentes sobre como agir diante da cultura woke, que é aplaudida pela mídia, sustentada por empresas que aderiram a essa ideologia e por vezes tendo apoio do Estado. Com um tema urgente, necessário e de tão grande qualidade, este livro se torna imprescindível a todo líder, educador e pesquisador cristão.

Aperte o cinto e prepare-se para decolar numa viagem de conhecimento e aperfeiçoamento, que tem como destino a saúde espiritual da igreja, especialmente, dos jovens e adolescentes cristãos.

Boa leitura! Deus abençoe!

Mestre André Luís

São João de Meriti

13 de outubro de 2024

Sumário

Dedicatória

Agradecimentos

Prefácio

Introdução

Capítulo 1

O que Significa a Cultura Woke?

Capítulo 2

A Diferença entre Justiça Social e Justiça Bíblica

Capítulo 3

(Des)Construção da Identidade Cristã

Capítulo 4

Os Estragos da Nova Ética Sexual Promovida pela Cultura Woke

Capítulo 5

Opressores e Oprimidos: A Cultura Woke e a Desconstrução das Autoridades

Capítulo 6

O Amor como Discurso: A Mentira da Falsa Inclusão

Capítulo 7

A Batalha pela Mente: Como a Igreja Responde à Ideologia Woke nas Universidades e na Mídia

Capítulo 8

A Influência da Cultura Woke nas Redes Sociais

Capítulo 9

A Influência da Cultura Woke no Cenário Político

Capítulo 10

Líderes Coniventes com a Cultura Woke versus Líderes Implicados com o Enfrentamento

Capítulo 11

A Importância da Educação Cristã no Enfrentamento das Pautas Assumidas pela Cultura Woke

Conclusão

Que Igreja Queremos Ser no Enfrentamento da Cultura Woke?

Referências

Introdução

Estamos assistindo a um fenômeno ganhar cada vez mais espaço nas esferas acadêmicas, políticas, sociais e religiosas: a cultura woke. Isso faz parte do constante movimento de transformação na sociedade, que toca inclusive na forma como enxergamos o mundo. Será sobre esse movimento e as implicações aos líderes cristãos que vamos nos debruçar.

O termo surge supostamente como uma espécie de alerta para as injustiças raciais. Depois foi avançando para outras políticas, como gênero, militância LGBTQIA+ e outros temas. É possível perceber que a cultura woke nasce no ativismo social e na busca por mudanças de paradigmas judaico-cristãos, claramente na tentativa de desconstruir os valores da família e da igreja. Embora o enfrentamento das injustiças seja um movimento bíblico, os defensores da cultura woke ultrapassam qualquer limite, promovendo uma perspectiva de mundo que se opõe firmemente à orientação bíblica. A cultura woke não só critica as estruturas sociais, mas também propõe uma nova perspectiva que desafia os valores e princípios da fé cristã, desconstruindo mentalidades, cancelando marcos históricos, ridicularizando lideranças que se posicionam contra qualquer ataque à fé cristã. Eles não têm nenhum pudor no enfrentamento dos nossos valores.

Por isso, entendo a necessidade de mostrar como essa cultura se espalha na sociedade, incluindo as igrejas, criando enormes desafios para os líderes das novas gerações. Minha intenção é examinar essas dinâmicas complexas, apresentando uma análise detalhada sobre a cultura woke e suas repercussões para a igreja. Analisaremos como essa cultura pode ser prejudicial e seu potencial destrutivo na formação da identidade dos jovens em suas percepções do mundo. Além disso, vamos apontar caminhos para que os líderes consigam avançar por esses cenários desafiadores, com os pés firmados em princípios bíblicos. Ao longo dos capítulos, aprofundarei o estudo desse movimento, para que, à luz das Escrituras, possamos estar vigilantes contra os ataques à fé cristã. É fundamental que a igreja permaneça firme em sua missão de anunciar o evangelho de forma genuína, considerando os rudimentos da fé. “Conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (Jo 8.32, NAA).

A verdade de Cristo oferece liberdade, e a igreja precisa ter a ousadia de confrontar as narrativas enganosas da cultura woke com a mensagem transformadora da cruz. Considerando tudo isso, nossa oração é que os leitores sejam divinamente instruídos para discernir as armadilhas da cultura woke e que, como igreja, possamos nos manter como voz profética em um mundo que precisa desesperadamente de Jesus.

Esse texto é uma perspectiva bíblica sobre o tema. Além dos textos citados na referência, utilizei dados dos institutos de pesquisa Barna e Pew Research Center.

Uma dica importante: Ao final de cada capítulo, preparei a sessão “Pistas de Ação”. São atividades práticas que ajudarão os líderes a mergulharem nos temas que foram abordados. Com isso, minha ideia é provocar reflexão e engajamento. As atividades serão ferramentas poderosas para orientá-los segundo à luz da Palavra de Deus, mantendo sempre a centralidade da fé frente a cultura woke.

Oro pedindo a Deus que este livro seja um recurso valioso na sua jornada, que o ajude a entender melhor o cenário e a responder de maneira firme para proteger os nossos valores e as novas gerações.

Boa leitura, vamos para cima!

Capítulo 1

O que Significa a Cultura Woke?

O wokeísmo se disfarça de compaixão, mas é um sistema de controle e manipulação. A igreja deve reconhecer essa tática e permanecer firme na verdade do evangelho.

– Michael O’Fallon (Sovereign Nations Commentary)

Acultura woke é um desdobramento do politicamente correto, capturando quase como bandeira exclusiva à justiça social. Seus adeptos buscam com isso propor uma visão enviesada de igualdade. Se fosse resumir de forma simplista, a ideia desse movimento é separar as pessoas, antagonizando-as em, pelo menos, dois grupos: opressores e oprimidos.

A palavra woke é o tempo passado do termo “wake up”, que significa “acordado, desperto”; o termo foi utilizado no artigo de William Melvin Keller publicado em 20 de Maio de 1962, no New York Times, no artigo intitulado If you’re woke, you dig it (Se você estiver acordado, entenderá). A expressão foi utilizada por Kelley para tratar da questão racial. Vale lembrar que na época, o movimento dos direitos civis americano estava em curso e sequer a lei de direito ao voto havia sido promulgada. (MUNDO CONSERVADOR)

Essa mentalidade se infiltrou em praticamente todas as instituições, difundindo sua agenda de interesses de forma bem cuidadosa e ao longo do tempo. Sem pressa, foi-se capturando cada espaço possível e inserindo na mente das pessoas temas confusos, manipulando das mais diversas formas a desconstrução dos valores morais. Não podemos subestimar esse movimento. O amplo alcance da cultura woke acende um sinal de atenção; sim, é preocupante. O ambiente é passivo-agressivo, no qual um discurso de construção com palavras bem escolhidas pretende silenciar o interlocutor e, caso este permaneça se posicionando, será alvo da cultura do cancelamento como punição. Os seguidores da cultura woke usam causas legítimas na promoção de sua agenda nada menos que radical. Precisamos enfrentar essa cultura não com discursos em redes sociais, mas com clareza dos nossos valores.

A ideologia woke é uma nova religião secular que redefine justiça, moralidade e identidade, deslocando a fé cristã como o centro do discurso moral. (Al Mohler, The Gathering Storm)

Olhando de perto, é fácil perceber que o que essa cultura promove aponta diretamente na distorção de princípios bíblicos fundamentais como pecado, redenção e a natureza humana. Isso acontece porque invocam para si a pauta da justiça social, a fluidez nas questões de moralidade sexual e o foco no “eu” na construção de identidade. São exemplos claros de como essa ideologia confronta os valores cristãos. É só olhar para igrejas que antes tinham uma doutrina firmemente baseada nas Escrituras e que agora enfrentam pressões para “ajustar” seus ensinamentos a fim de se manterem “relevantes” em um mundo cada vez mais capturado pela cultura woke. É importante mencionar que esse movimento cooptou lideranças de dentro, encorajando-os a questionar seus pastores para que aceitem flexibilizar seus discursos, sobretudo, nos temas que interessam trazer a mesa, sempre com o prefixo de “intolerância”, de gênero, religioso, raça e justiça social.

Para as pessoas woke, trata-se de uma forma de protesto não violento que permite empoderar grupos historicamente marginalizados da sociedade e corrigir comportamentos, especialmente nos setores mais privilegiados que, até agora, eram parte do status quo e persistiam sem punição, nem mudança. (BBC)

Claro, é nessa hora que pastores e líderes perceberão o dilema em que estão inseridos: como manter a pregação e o ensino genuíno do evangelho enquanto precisam lidar com irmãos que os constroem à que se ajustem aos novos padrões woke? Acredite, se seu discurso não tiver entendimento com o perigo dessa cultura, você vai permitir que alguns apontamentos exigidos sejam eventualmente considerados, e é nesse momento que tudo vai começar a ruir, porque os defensores desse movimento esperam apenas uma pequena brecha para impor seus conceitos malignos. Isso só poderá ser enfrentado com entendimento de tudo que nos cerca, porque sem conhecimento profundo do que nos confronta, a batalha se tornará ainda mais desafiadora. “O meu povo está sendo destruído, pois lhe falta o conhecimento” (Os 4.6, NAA).

Não considerar a influência da cultura woke nas novas gerações, considerando, sobretudo, que os jovens estão expostos ao relativismo moral, é um risco que a igreja não pode correr. Nosso enfrentamento se baseia na fidelidade à Bíblia em um mundo cada vez mais antibíblico. Sendo assim, a importância de ser bíblico

nesse embate é uma questão de sobrevivência.

As pautas defendidas pela cultura woke facilmente se confundem com falas que “parecem” ensinamentos bíblicos. Pense nisso a partir da justiça social, que, embora seja um tema bíblico, em nossa perspectiva se fundamenta no reconhecimento de que o pecado é a verdadeira raiz da opressão e desigualdade. A justiça divina vai além do aspecto temporal, e busca, por intermédio de Jesus, a reconciliação entre o homem e Deus. Essa pauta é bíblica e expressa a vontade de Deus para a sociedade. Não estamos vinculados a qualquer recorte ideológico sobre esse tema. A cultura vincula a justiça social ao progressismo.

A identidade também é central nesse debate. A cultura woke incentiva as pessoas a definirem sua identidade com base em suas experiências e sentimentos, enquanto a Bíblia ensina que nossa verdadeira identidade está em Cristo. Ao nascermos de novo, deixamos para trás nossa velha natureza e abraçamos uma nova vida em conformidade com a vontade de Deus.

Uma pesquisa revelou que 47% dos jovens cristãos acreditam que questões de identidade e sexualidade são áreas onde a igreja precisa reformular sua mensagem para ser mais inclusiva. No entanto, 58% dos líderes cristãos acreditam que a cultura woke apresenta uma ameaça direta às doutrinas bíblicas centrais. (Barna Group, 2021)

Outro grupo temático explorado por essa cultura é a moralidade sexual. O que eles promovem é a fluidez sexual e a liberdade individual como direitos fundamentais, contrariando os planos de Deus para o casamento. Nesse sentido, a Igreja vem sendo pressionada a se tornar mais inclusiva em seus discursos, ou será vista como intolerante ou antiquada, e obviamente será cancelada na comunidade. É por conta dessas pressões sociais que já é possível assistir a um malabarismo teológico de alguns obreiros na construção de argumentos a fim de arrumar uma forma de validar os discursos progressistas.

A igreja do século XXI será tentada a se conformar à cultura. A verdadeira questão é: ela manterá sua fidelidade à Palavra de Deus em meio à crescente

secularização? (Francis Schaeffer, The Great Evangelical Disaster)

Essa pressão social não aponta apenas para uma mudança na prática pastoral, mas também para uma renúncia aos princípios cristãos fundamentais.

Ser bíblico não é opção. Se quisermos dialogar e salvar essa geração, ser bíblico é a única forma. Não basta ser um líder de jovens que reúna um grupo grande de pessoas. Não basta ser engajado nas redes sociais tornando seus eventos mais conhecidos e, por consequência, mais frequentados. Liderar nesse tempo é salvar o jovem de si mesmo, de escolhas ruins, dos discursos aprendidos na faculdade ou assumidos nas redes sociais. Os líderes estão sendo chamados a entender esse cenário de forma mais implicada. A batalha não será apenas com as propostas com as quais os jovens lidam fora da igreja, mas com aquilo que eles desejam que a igreja se torne.

O Inimigo não tem medo dos nossos eventos; ele sabe que com a cultura woke inserida em todas as camadas da sociedade pode conseguir reverter a narrativa do que for pregado. O que será considerado no embate é o quanto somos bíblicos e o quanto estamos decididos a apresentar o Reino de Deus por meio de uma leitura não ideológica.

Pista de Ação

Atividade

Painel de Discussão: "Woke: cultura ou ideologia?"

Descrição

Organize um painel e divida a turma em dois grupos. Um grupo deve defender os aspectos da cultura woke (inclusão, justiça social), enquanto o outro grupo precisa apontar as implicações e armadilhas dessa ideologia. Ao final, ambos devem refletir sobre como a igreja pode responder a essas questões sem comprometer os princípios bíblicos.

Provocação

Até que ponto podemos ser influenciados pela cultura woke? Como a igreja deve enfrentar as pautas da cultura woke?

Fundamento Bíblico

“Tenham cuidado para que ninguém os escravize a filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas.”

Colossenses 2.8 (NVI)

Capítulo 2

A Diferença entre Justiça Social e Justiça Bíblica

A ideologia woke prega uma falsa justiça que não traz reconciliação verdadeira. Apenas o evangelho de Cristo pode reconciliar pecadores com Deus e uns com os outros.

– John MacArthur (Social Justice and the Gospel: What's at Stake?)

Ao olhar o texto bíblico, é possível perceber que Amós denuncia a injustiça social e a opressão sofrida pelos pobres em Israel. Especificamente nos capítulos 5 e 6, ele clama por justiça e retidão, e confronta as elites que exploravam as pessoas vulneráveis enquanto viviam em luxo e conforto. A mensagem do profeta é relevante, uma vez que aponta para o cuidado com os pobres, marginalizados e oprimidos, vinculando essa atitude como parte da adoração a Deus. Amós, em seu discurso, não visa à polarização e muito menos a essa divisão de classes, mas visa à equidade e à mensagem de que o povo deve buscar ao Senhor. Fica muito claro que o foco da justiça social bíblica está na restauração da relação entre Deus e os homens.

A justiça bíblica é a expressão da vontade de Deus, com reflexos de sua bondade e verdade. O texto bíblico mostra a preocupação do Senhor com aspectos sociais da justiça. O nosso tempo apresenta uma nova leitura de justiça, que é comumente chamada de “justiça social”. Obviamente que a cultura woke se apropriou desse tema apontando para o progressismo como únicos representantes dessa causa. Ledo engano, esse tema é bíblico antes de ser ideológico.

Essa apropriação é tão forte que, pelo fato de atuar na área de garantia de direitos para crianças e adolescentes e fomentar com frequência sobre políticas públicas, já me indagaram se sou esquerdista, porque associam a mobilização social ao progressismo. A causa do humano é bíblica, não tem espectro ideológico.

Embora a justiça seja um tema bíblico importante, precisamos ter cuidado para não confundir o conceito bíblico de justiça com as definições culturais que estão frequentemente divorciadas de Deus. (David Platt, *Something Needs to Change*)

O termo “justiça social”, cunhado pelo progressismo, só tem palco e projeção porque, de alguma forma, entendemos como única função da igreja a pregação do evangelho e por muitos anos deixamos de considerar o ouvinte como sujeito de direitos, alimentando-o apenas em sua fome espiritual. Quando ensaiamos olhar para a pessoa plena, decidimos então limitar nossos esforços a formar uma espécie de cesta básica, colocando numa bolsa alguns itens que ajudariam os irmãos mais necessitados. Poucas igrejas entenderam seu papel com o indivíduo

pleno e investiram recursos preciosos na elaboração de planos e instituições que responderam à altura as necessidades legítimas da comunidade onde estão inseridas e exercem sua função no enfrentamento das dores sociais da população. Veja esse episódio doloroso da nossa nação no Rio Grande do Sul, durante as enchentes ocorridas entre o final de abril e início de maio de 2024. Talvez você não tenha visto em noticiário nenhum a linda ação da igreja, que recebeu, organizou e entregou alimentos e reconstruiu casas e segue até hoje com desdobramentos dessa catástrofe.

A pesquisa aponta que 65% dos cristãos nos EUA dizem acreditar que a igreja deve se envolver em discussões sobre justiça social, mas 38% afirmam que a igreja cedeu demais à pressão cultural. (Pew Research, 2020)

Temos um papel de grande relevância na comunidade onde atuamos, por isso precisamos redobrar a atenção sobre a influência dessa cultura, seja na comunidade, seja até mesmo nos discursos na igreja. Alguns temas entram no nosso cotidiano de forma muito sutil. Gosto do que disse o querido pastor Valmir Nascimento, no seu livro *Entre a Fé e a Política: O cristão tem um “papel profético”*, o que inclui a exigência de justiça e a defesa de valores humanos. Isso se alinha com a ideia bíblica de que a justiça deve ser exercida de forma ética e alinhada aos princípios de Deus, em contraste com uma visão secular da justiça que pode ser distorcida por interesses ideológicos.

Segundo David T. Koyzis, no livro *Visões e Ilusões Políticas*, “essas ideologias, incluindo as abordagens modernas de ‘justiça social’, são fundamentadas em pressupostos idolátricos que afastam a sociedade de uma verdadeira compreensão do papel de Deus na justiça”. Koyzis ressalta que, “enquanto a justiça social na visão secular busca a igualdade a partir de estruturas políticas, a justiça bíblica está enraizada na restauração da criação e na retidão divina”.

Nesse sentido, a justiça social se baseia em uma busca por poder e emancipação, enquanto a justiça bíblica apresenta o cuidado com o outro sem distorcer os valores do evangelho. Talvez seja exatamente essa diferença: que a justiça quando pensada na perspectiva ideológica se afasta completamente do ideal divino. Parece o mesmo discurso, mas quando tratamos das questões de

desigualdade e sofrimento, os métodos e objetivos são drasticamente diferentes.

Está muito claro que a cultura woke é mais uma ferramenta de doutrinação ideológica da esquerda que usa os debates em torno da justiça social de modo distorcido a fim de contrariar os valores cristãos. Por esse motivo, os irmãos que estão à frente do ministério de jovens não podem abraçar cegamente os discursos emocionados da militância, a despeito de onde estejam, na sala de aula ou nas redes sociais. Precisamos fundamentar nossas ações na verdade eterna contida nas Escrituras e nas práticas bíblicas que forjam o caráter do serviço cristão. Nosso diálogo com os jovens que lideramos precisa sair do recorte apenas da igualdade; ele precisa incluir a integridade moral, a fidelidade a Deus e o cuidado genuíno com o outro, contrapondo os discursos inflamados de compaixão nas redes sociais com a verdade das nossas ações.

A justiça social promovida pela cultura woke não é compatível com o evangelho de Cristo. Ela busca justiça horizontal entre os homens, mas ignora completamente a necessidade de justiça vertical entre o homem e Deus. (Voddie Baucham, *Fault Lines: The Social Justice Movement and Evangelicalism's Looming Catastrophe*)

A justiça bíblica se baseia na natureza imutável de Deus e não se limita a tratar os sintomas da opressão ou do sofrimento, mas busca lidar com a raiz do problema, o pecado. O texto bíblico apresenta o pecado como fomentador da injustiça racial, econômica e social, visto que é um reflexo da desobediência ao Criador. “Pelo que o juízo se tornou atrás, e a justiça se pôs longe, porque a verdade anda tropeçando pelas ruas, e a equidade não pode entrar” (Is 59.14-15).

Não é possível pensar em justiça social sem que o homem se arrependa e busque a restauração do relacionamento com Deus. Contrito e entendendo seu papel, o ser humano terá sua natureza transformada e suas ações buscarão o bem para o próximo.

Ele já mostrou a você o que é bom; e o que o Senhor pede de você? Que pratique a justiça, ame a misericórdia e ande humildemente com o seu Deus. (Mq 6.8,

NAA)

Essas palavras evidenciam a ordem de Deus, apresentando a justiça em um contexto de humildade e misericórdia, contrastando com um cenário de vingança ou de retaliação. Enquanto a justiça social promovida pela cultura woke propõe soluções na mediação das relações de poder, a justiça bíblica aponta para uma solução definitiva e profunda — um coração transformado.

Assim, cremos, a justiça social não é imposta, nem ideológica, mas é fruto de uma vida de obediência a Deus.

O problema com o movimento woke é que ele não trata da raiz do problema humano: o pecado. Apenas a cruz pode nos oferecer uma solução duradoura e verdadeira para a injustiça. (Paul Washer, *The Gospel's Power and Message*)

Os métodos utilizados pelos seguidores da cultura woke dialogam diretamente com as novas gerações, antagonizando a igreja e os grupos que se sentem representados pela militância que diariamente produz todo tipo de violência para impor seus temas.

A cultura woke frequentemente se apresenta como uma forma de justiça, mas sem o elemento de graça que é central ao evangelho. Isso a torna uma justiça incompleta e até mesmo perversa. (Russell Moore, *Onward: Engaging the Culture Without Losing the Gospel*)

Eles usam a inclusão para fomentar a incompatibilidade, alegando que a igreja segrega e afasta quem não está de acordo com nossos valores. Mas, diferente disso, não vejo qualquer pastor ou denominação se valer dos textos bíblicos para negarem acesso à igreja. Todos são iguais perante a lei e diante dos olhos do nosso Deus. Os adeptos da cultura Vejamos o texto de Gálatas 3.28 (NAA):

“Assim sendo, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vocês são um em Cristo Jesus”.

Cada recorte temático assumido por eles tem ligação direta com a desconstrução da mente dos nossos filhos e liderados. Os seguidores da cultura woke entenderam que precisam focar nas novas gerações. Por esse motivo, o líder precisa entender a importância de sua atuação no cenário atual, pois essa compreensão salvará vidas. Enquanto os líderes não despertarem do sono da indolência manifesto na produção exacerbada de eventos, sem qualquer reflexão, aqueles que militam a favor da cultura woke fazem movimentos mais assertivos, usando ferramentas que tocam no coração e na mente dos jovens. “Justiça e juízo são a base do teu trono; misericórdia e verdade vão adiante do teu rosto” (Sl 89.14).

Pista de Ação

Atividade

Debate em grupo: Justiça Social versus Justiça Bíblica.

Descrição

Divida o grupo em duas equipes. A primeira equipe deve propor os princípios da justiça social woke, enquanto o segundo defenderá os princípios da justiça bíblica. Ao final, ambos devem refletir sobre as diferenças e pontos em comum.

Provocação

Qual o papel da igreja na promoção de uma justiça que não distorce a verdade de Deus? Como podemos aplicar a verdadeira justiça em questões sociais sem nos render a ideologias humanas?

Fundamento Bíblico

“O Senhor já nos mostrou o que é bom, ele já disse o que exige de nós. O que ele quer é que façamos o que é direito, que amemos uns aos outros com dedicação e que vivamos em humilde obediência ao nosso Deus.”

Miqueias 6.8 (NTLH)

Capítulo 3

(Des)Construção da Identidade Cristã

Se nossa identidade está enraizada em qualquer coisa além de Cristo, essa identidade será uma prisão. Isso inclui as identidades de raça, gênero e classe que a cultura woke propõe.

– Tim Keller (The Reason for God)

A desconstrução da identidade cristã é algo pensado e executado a longo prazo, e a pressão cultural é, se não o maior estímulo, um dos mais significativos no movimento para afastar as pessoas de suas crenças e valores centrais. Basta que aconteça um rompimento temporário entre a autopercepção e a conduta. Nesse momento, os discursos vão sendo moldados a fim de capturar, em cada fase de dúvida, nossos jovens e adolescentes.

Pense, por exemplo, na identidade cristã projetada no apóstolo Pedro, que por um instante de sua jornada foi colocada à prova quando perguntado sobre sua relação com Jesus. Ali, sem pestanejar, ele o negou, não assumindo assim sua influência e a relação de fé que até antes o fazia agir com ímpeto na defesa do Amado de sua alma. Sim, basta um momento, uma fase, alguma dúvida e toda convicção será colocada à prova. É desse jeito que acontece nas faculdades ou em qualquer ambiente onde a identidade cristã é confrontada. É possível que, em algum momento, dependendo da exposição aos ataques ideológicos, a pessoa acabe cedendo às pressões externas. Por ataque, refiro-me ao sistemático investimento de cooptação das novas gerações, seja por meio da mídia, seja por intermédio da militância relacional, o discurso identitário do movimento woke, como a questão da fluidez de gênero, sexualidade e raça. Mas como essa desconstrução acontece? Desde quando? Vamos refletir sobre isso neste capítulo.

O que é identidade?

É o reconhecimento de que o indivíduo é o próprio. É o conjunto de caracteres particulares que identificam uma pessoa, como o nome, a data de nascimento, o gênero, a filiação, a impressão digital, etc. Segundo o Dicionário Oxford, é o conjunto de características que distinguem uma pessoa ou uma coisa e por meio das quais é possível individualizá-la.

O que é identidade cristã?

Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. (1 Pe 2.9)

Nós temos uma identidade clara e definida em Cristo. A identidade cristã é algo que aponta a natureza de Cristo em nós. Quando a sociedade olhar para um crente, é preciso que as pessoas vejam Jesus e a manifestação de seu amor.

A cultura moderna busca redefinir o que significa ser humano em termos de sentimentos e autenticidade pessoal. A igreja deve, em contrapartida, enraizar sua antropologia na verdade bíblica sobre criação e pecado. (Carl R. Trueman, *The Rise and Triumph of the Modern Self*)

Considerando o conceito de identidade, está muito claro que, onde quer que eu esteja, permaneço sendo a despeito do local ou plataforma. “Daniel resolveu que não iria ficar impuro por comer a comida e beber o vinho que o rei dava” (Dn 1.8, NTLH). Embora estivesse na Babilônia, o coração de Daniel e sua visão estavam alinhados com Jerusalém, por isso ele manteve firme sua identidade. Daniel nos ensina sobre a mentalidade dos que rejeitam e questionam valores e práticas da cultura dominante da qual fazem parte. Daniel resolveu que não iria ficar impuro por comer a comida que o rei oferecia; por esse motivo, pediu a Aspenaz que o ajudasse a cumprir o que havia resolvido.

Esse cenário traz uma mensagem muito significativa e que parece ter semelhanças fortíssimas com o nosso tempo. O rei da babilônia, Nabucodonosor, conquistou o território de Jerusalém. Levou cativos os jovens sábios a fim de que se ampliasse a cultura babilônica no coração e na mente das gerações de jovens, entre eles, Daniel, Hananias, Misael e Azarias. Os babilônicos colocaram em ação um plano que tem vigência nos nossos dias, a cooptação de jovens sábios.

A estratégia de Nabucodonosor era muito simples: reproduzir nos jovens de Jerusalém o discurso e a mentalidade babilônica. Naquele tempo, as pessoas que não atendiam às expectativas do rei Nabucodonosor eram jogadas na fornalha ou na cova dos leões. Podemos comparar essa ação com o que hoje chamamos de

cancelamento. Se alguém não caminhar dentro do politicamente correto proposto pelo patrulhamento ideológico, será tratado como um criminoso apenas por se posicionar ou emitir opinião. Prisão, exclusão de perfis nas redes sociais, demissões, cerceamento de direitos.

A pressão do politicamente correto ameaça a verdade do evangelho ao demandar que nos conformemos às normas culturais, muitas vezes em detrimento da verdade bíblica. (D. A. Carson, *The Intolerance of Tolerance*)

Esse politicamente correto é formado, construído e tem método. Identificaram uma forma que parecia ser assertiva, mudaram nomes, estabeleceram novas rotinas, isso tem impacto direto na construção de nova mentalidade, deram-lhes cargos, estavam tentando furtar seus corações e esperavam ver essas mudanças no comportamento dos jovens, e, por fim, tudo isso estaria manifesto no discurso daqueles rapazes. Sim, os jovens de Jerusalém estariam falando, pensando, agindo e vivendo como jovens babilônicos. Qualquer semelhança com os nossos dias não é mera coincidência.

PARIS 2024

Presidente do COI detona transfóbicos: "ciência não comprova quem é mulher ou homem"

A declaração de Thomas Bach se deu durante coletiva de imprensa onde ele voltou a defender as boxeadoras alvos de ataques de ódio

(REVISTA FÓRUM)

O recorte acima mostra a dificuldade de viver num mundo onde se esquivam e se escondem de elaborar respostas simples que chamariam a atenção de toda mídia progressista, e imediatamente seriam cancelados e provavelmente expulsos do lugar em que atuam.

Estamos testemunhando uma revolução cultural em que a liberdade de pensamento e expressão está sendo substituída pela adesão compulsória às normas woke, com consequências desastrosas para o cristianismo. (Douglas Murray, *The Madness of Crowds*)

A Daniel chamou de Beltessazar, que em babilônico quer dizer “Bel proteja a sua vida”, em outras palavras. A afronta estava em “Deus não é mais o seu juiz; quem o justifica e protege, agora, é Bel”. A Hananias denominou Sadraque, que, por sua vez, significa “amigo do rei”. A ofensa estava em afirmar que “Não há ninguém mais misericordioso do que o rei Nabucodonosor, ele é o seu amigo, e não o Deus de Israel!”. A Misael nomeou Mesaque, que significa “Quem é como o deus Lua?”. A afronta estava em “O Deus de Israel não é nada comparado ao deus Lua!”. A Azarias deu o nome de Abede-Nego, que significa “Servo do deus Mercúrio”. A ofensa estava em assegurar que “O teu socorro não é o Deus de Israel, e sim o deus Mercúrio a quem serve agora”.

O plano era muito claro: se cada jovem se apropriou de uma autoimagem distorcida, seria muito fácil desconstruir toda cultura anterior à da Babilônia. Bem como na época da Babilônia, a cultura woke visa impor seus termos com o propósito de desacreditar, desconstruir e invalidar os verdadeiros valores para as novas gerações.

A postura de Daniel não apenas firmou seu posicionamento para os seus dias, ela nos encoraja até hoje, uma vez que mostra o fundamento e a clareza da sua fé.

Quem ouve esses meus ensinamentos e vive de acordo com eles é como um homem sábio que construiu a sua casa na rocha. Caiu a chuva, vieram as

enchentes, e o vento soprou com força contra aquela casa. Porém ela não caiu porque havia sido construída na rocha. (Mt 7.4-25)

Ouvir e praticar a Palavra de Deus traz firmeza, solidez e sustentação. Somos construtores que precisamos edificar sobre bases sólidas, isto é, sobre princípios eternos. Existe uma mensagem muito clara do Senhor para a igreja do nosso tempo, sobre firmeza ao enfrentar ataques a nossa fé. Sejam firmes!

Daniel não era crente apenas identificado por uma frase na camisa, ou pelos versículos compartilhados em redes sociais; ele tinha postura!

Então Jesus disse para os que creram nele: — Se vocês continuarem a obedecer aos meus ensinamentos, serão, de fato, meus discípulos. (Jo 8.31, NTLH)

Como vocês serão felizes se tiverem de sofrer por fazerem o que é certo! Não tenham medo de ninguém, nem fiquem preocupados. Tenham no coração de vocês respeito por Cristo e o tratem como Senhor. Estejam sempre prontos para responder a qualquer pessoa que pedir que expliquem a esperança que vocês têm. Porém façam isso com educação e respeito. Tenham sempre a consciência limpa. Assim, quando vocês forem insultados, os que falarem mal da boa conduta de vocês como seguidores de Cristo ficarão envergonhados. (1 Pe 3.14-16, NTLH)

Para terminar: tornem-se cada vez mais fortes, vivendo unidos com o Senhor e recebendo a força do seu grande poder. Vistam-se com toda a armadura que Deus dá a vocês, para ficarem firmes contra as armadilhas do Diabo. Pois nós não estamos lutando contra seres humanos, mas contra as forças espirituais do mal que vivem nas alturas, isto é, os governos, as autoridades e os poderes que dominam completamente este mundo de escuridão. (Ef 6.10-12, NTLH)

Essa desconstrução da identidade cristã na juventude tem alguns protagonistas: um deles é o feminismo. Assim como aconteceu com Daniel na Babilônia, a cultura woke molda a forma como as pessoas, sobretudo os jovens, enxergam o mundo e a si mesmos. O feminismo é uma militância cada vez mais presente nos discursos e essa influência encontra representantes na igreja.

Nancy Pearcey, no livro *Total Truth* (publicado pela CPAD com o título *Verdade Absoluta*), ressalta que as cosmovisões contemporâneas, como o feminismo, oferecem uma abordagem fragmentada da realidade, separando o sagrado do secular e incentivando os jovens a adotarem uma visão de mundo que coloca o “eu” e seus desejos no centro. Pearcey argumenta que “quando abandonamos a visão bíblica do mundo, as ideologias seculares passam a preencher o vazio, e os jovens, sem uma cosmovisão robusta, são vulneráveis a essa influência” (PEARCEY, 2005).

Tomemos como exemplo a história de uma jovem de 20 anos que cresceu em um lar cristão, como outro qualquer, no qual aprendeu com sua família os valores bíblicos. Essa menina dava testemunho cristão e sempre foi muito engajada nas atividades da igreja. Assim que recebeu sua nota de acesso no ENEM, a menina procurou o seu líder e, ao lado de seus pais, pediu oração. Que alegria! Um futuro incrível estava à sua frente. Quando iniciou o primeiro período da faculdade, ela se deparou com novas ideias, conheceu a militância feminista nas aulas de Sociologia, que questionavam os papéis de gênero, o casamento, a maternidade e até mesmo a moralidade cristã. Devagar e sem fazer muito alarde, ela começou a se afastar dos valores que havia aprendido e da rotina das atividades na igreja. O discurso sobre empoderamento feminino e liberdade sexual parecia tê-la dominado. O próximo passo foram as perguntas e questionamentos sobre a veracidade da Bíblia e o quanto a Palavra de Deus parecia machista e elitista. Sim, ela se apropriou das pautas feministas e logo a igreja lhe parecia muito retrógrada. Suas interpretações davam a certeza de que a igreja não era um espaço de fé, mas um lugar de “dominação dos corpos pobres”. Logo, em algum momento, ela chegou à conclusão de que não era possível conciliar a mensagem do evangelho com a militância feminista. Então, decidiu se afastar completamente de tudo que havia aprendido. E nessa desconstrução, hoje aquela jovem está cada vez mais longe de si mesma, descaracterizada da menina doce e alegre para uma pessoa cada vez menos identificada com suas origens. Como ela mudou! A história dessa jovem se repete todos os dias nos lares cristãos: pais que perderam seus filhos não para a violência da cidade, mas para uma cultura.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Pew Research Center, nos Estados Unidos, no ano de 2022, 42% dos jovens cristãos nos Estados Unidos afirmam que suas crenças religiosas entram em conflito com as ideologias que eles encontram nas universidades, incluindo o feminismo. Muitos desses jovens relatam que, à medida que se envolvem em discussões sobre igualdade de gênero e direitos das mulheres, começam a questionar aspectos centrais de sua fé, como o papel tradicional de homens e mulheres na igreja e no lar.

Outro estudo realizado pelo Barna Group, em 2021, nos Estados Unidos, mostrou que 31% dos jovens cristãos entre 18 e 29 anos relataram uma “crise de identidade espiritual” após serem expostos a ideologias feministas e progressistas nas redes sociais e no ambiente acadêmico. Esses jovens narraram dificuldades em conciliar as demandas de igualdade de gênero e liberdade sexual com os ensinamentos bíblicos sobre moralidade, sexualidade e autoridade espiritual.

Esses dados sugerem uma geração em conflito com sua fé e seus valores, porque está perdendo sua identidade depois de ser seduzida por um discurso que a distancia da fé cristã. E isso não acontece da noite para o dia, é uma desconstrução a longo prazo.

Essa desconstrução é, na verdade, um ataque direto ao Criador, pois somos aquilo que enfurece o Inimigo, a imagem e semelhança de Deus. “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou” (Gn 1.27).

Outro movimento ativo no processo de desconstrução da identidade das novas gerações é a ideologia de gênero. Esse movimento tem sido visto em várias esferas da sociedade. Você já deve ter ouvido ou lido um conceito de que vivemos numa sociedade líquida, ou seja, de relacionamentos sem conexão e sem vínculos. Esse conceito foi percebido por Zygmunt Bauman, um sociólogo e filósofo polonês, que leu em seus textos a sociedade desse tempo. Essa dinâmica relacional é o que move as novas gerações, inclusive no aspecto de sua sexualidade.

Nos dias de hoje, é muito comum ouvir que o gênero da pessoa é fluido, ou seja, ela interage sexualmente com quem achar que deve, independentemente do gênero. Cada vez se criam mais narrativas para sustentar novas formas de pensar a relação sexual.

Você conhece alguém que menstrua que não seja uma mulher? Por que é tão difícil essa afirmação? Fica muito claro o quanto essa cultura pretende desconstruir a mente das pessoas tentando impor um padrão do politicamente correto a ponto de multinacionais caminharem na produção de conteúdos publicitários que se identifiquem com a militância e, caso não o façam, estejam prontas para o cancelamento e o escrutínio público nas redes sociais, sendo rotulada como empresa intolerante e conservadora.

As novas gerações estão expostas a essas e tantas outras narrativas que surgem diariamente sobre gênero. Professores, influenciadores, amigos, séries de TV, filmes, comerciais, desenhos, tudo está sob influência da cultura woke, promovendo fluidez de gênero, propondo que o sexo biológico não determina necessariamente quem a pessoa é. O tempo passa, e o ataque a identidade provoca uma crise, porque a cultura woke age para normalizar comportamentos desviantes, e tudo que for referente aos valores judaico-cristãos será alvo. Veremos aumentar diálogos sobre “autodefinição” e “liberdade de escolha”, além de termos tão politicamente corretos que, na verdade, servem de pressão social. Obviamente que à medida que essa pressão social aumenta, os conflitos internos também aumentarão. De um lado, a pressão da sociedade para abraçar essa nova definição de gênero (ou, como eles gostam de subverter as mentes, se abrir para novas experiências); de outro, os ensinamentos e exemplos de uma família alicerçada em valores. Esses conflitos são realidade no contexto de qualquer igreja. É nosso papel lidar com essas crises com muita maturidade a fim de ajudar nossos jovens no caminho de reconstrução de suas convicções cristãs.

Segundo um estudo realizado pela American College of Pediatricians, nos Estados Unidos, em 2020, houve um aumento de mais de 4.000% em diagnósticos de disforia de gênero entre adolescentes nos últimos anos. O aumento vertiginoso, segundo os pesquisadores, está fortemente associado à influência das redes sociais e do ambiente escolar, onde a ideologia de gênero é promovida como norma.

Além disso, uma pesquisa do Barna Group, também nos Estados Unidos, realizada em 2021, revelou que 40% dos jovens cristãos afirmaram sentir pressão para aceitar a fluidez de gênero como uma parte legítima da experiência humana. Esses jovens expressaram a dificuldade de conciliar as mensagens culturais que eles recebem com a sua fé cristã, levando a crises de identidade e, em alguns casos, ao afastamento da igreja.

É só olhar para esses dados para perceber o impacto que a ideologia woke tem na formação da identidade das novas gerações. Essa mensagem de independência, sugerindo que “Você pode ser quem quiser” confronta diretamente os fundamentos bíblicos da criação de homem e mulher.

Mark Yarhouse, autor de *Understanding Gender Dysphoria*, destaca que “o aumento da discussão em torno da ideologia de gênero tem resultado numa fragmentação de identidades” (YARHOUSE, 2015). Ele afirma que a identidade humana, que antes estava firmemente enraizada em algo transcendente e objetivo — como a fé em Deus —, agora está sendo moldada por narrativas subjetivas e individualistas que promovem a desconstrução profunda dos valores absolutos.

A desconstrução da identidade das novas gerações é um projeto a longo prazo promovido pela ideologia de gênero, e o feminismo é um dos maiores desafios que a igreja enfrenta no cenário contemporâneo. As pesquisas mostram o impacto real desses movimentos sobre a juventude. Estamos diante de um desafio real para a igreja, sobretudo, porque o perigo não está apenas fora, mas as mentes desconstruídas por essa cultura estão também dentro das igrejas, competindo com os ensinamentos bíblicos, causando muito estrago nos grupos em que estão inseridos. É preciso um engajamento intencional na formação espiritual dos jovens para confrontar, por meio do ensino bíblico, tudo que tenta afastar a mente e o coração da verdade do evangelho. Cada líder, professor de Escola Dominical, pastor, conselheiro, seja lá qual for sua esfera de atuação no Reino de Deus, precisa de uma igreja que ensine a cosmovisão bíblica, que prepare as novas gerações para enfrentar a cultura woke e suas ideologias que tentam desconstruir a fé cristã. Cabe à igreja e sua liderança estarem prontas para o enfrentamento a fim de que os jovens permaneçam firmes em sua identidade em Cristo.

Pista de Ação

Atividade

“Quem sou em Cristo?”

Descrição

Peça para o grupo anotar em um papel os rótulos que o mundo coloca em seus liderados (gênero, raça, classe social, etc.). Em seguida, reflita sobre a identidade oferecida por Cristo. Ao final, compartilhem como esses rótulos sociais estão sendo desconstruídos pela cultura woke e como é possível preservar a verdadeira identidade em Cristo.

Provocação

Em um mundo que busca desconstruir a fé e a identidade em Cristo, como podemos ajudar os jovens a permanecer firmes na verdade sobre quem eles são diante de Deus?

Fundamento Bíblico

“Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim.”

Gálatas 2.20

Capítulo 4

Os Estragos da Nova Ética Sexual Promovida pela Cultura Woke

Um bloco temático que a cultura woke utiliza com muita influência são as discussões a respeito da sexualidade. A ética sexual promovida por essa cultura se afasta completamente da perspectiva bíblica.

A ideia de que a liberdade sexual é ponto de partida para que a satisfação leve a pessoa à realização pessoal. Com esse conceito, atraem os jovens a viver sem restrições, usando o corpo como moeda de troca. Isso, na cultura woke, é o que eles chamam de empoderamento. O movimento é sempre muito parecido, os jovens se envolvem em vários relacionamentos casuais e vivem uma sexualidade fluida. Mas os desdobramentos não são felicidade e muito menos empoderamento. Diferente disso, essa geração está cada vez mais mergulhada na depressão, na ansiedade e uma sensação de vazio. Os jovens se sentem atraídos por uma suposta liberdade e são jogados numa cadeia de dores emocionais e espirituais. Nesse caminho, a cultura woke se vale dos recortes identitários para cooptar cada vez mais as novas gerações, apresentando a desconstrução da sexualidade como um ganho, o que gera múltiplas formas de expressão sexual.

Segundo pesquisa divulgada pelo palestrante Dado Schneider, a geração Z é a mais LGBTQIA+ da história. Uma das mudanças mais sentidas é a inversão do padrão de identificação entre homens e mulheres. Enquanto as gerações anteriores eram predominantemente os homens que se identificavam como LGBTQIA+, na Geração Z são as mulheres que lideram esse movimento, com 28,5% não se identificando como héteros. O aumento significativo de jovens assumindo-se como LGBTQIA+ é um fenômeno revelador dos valores da Geração Z.

Segundo estudo recente da empresa americana Gallup, estes são os números:

Geração Z: cerca de 20% dos adultos se identificam como LGBTQIA+. Quase 30% das mulheres dessa geração são bissexuais.

Geração Millennials: 10%.

Os Baby Boomers e a Geração X: menos de 2% e 5%, respectivamente.

Essa tendência reforça a ideia de que as novas gerações trazem consigo novos valores. Nesse sentido, é importante pontuar que a Geração Z milita com mais intensidade nas pautas do preconceito e promoção da diversidade e da igualdade. Essa mudança não trata apenas da identidade individual, mas também está moldando a cultura e a sociedade em todas as camadas. É assim que se movimenta a mentalidade woke, tem método, uma vez que visa não apenas a um grupo ou recorte etário, mas à promoção de uma cultura. Seus adeptos impõem, por intermédio da militância LGBTQIA+, o caminho para uma sociedade cada vez mais fluida e desconstruída. Sim, a Geração Z cresceu em um mundo militante, em que a partir da cultura woke a diversidade é celebrada e a individualidade é valorizada.

Estudos mostram que o aumento da promiscuidade e das relações casuais, fortemente defendidas pela cultura woke, está correlacionado com o crescimento dos níveis de depressão e de ansiedade entre os jovens. Uma pesquisa publicada pela Archives of Sexual Behavior, nos Estados Unidos, em 2020, revelou que jovens adultos que praticam sexo casual frequentemente apresentam taxas mais altas de sofrimento emocional em comparação com aqueles que têm relacionamentos mais estáveis e comprometidos (SPRINGER NATURE).

Além disso, uma pesquisa conduzida pelo Journal of Adolescent Health, também nos Estados Unidos, realizada no ano de 2021, mostrou que adolescentes que se envolvem em comportamentos sexuais sem compromisso são mais propensos a desenvolver sintomas de depressão e baixa autoestima. Isso se alinha com o conceito de que a ética sexual promovida pela cultura woke, que incentiva a desconstrução de relacionamentos tradicionais e a busca por satisfação imediata, pode ter efeitos nocivos na saúde mental e emocional.

Nancy Pearcey, em seu livro Love Thy Body (publicado pela CPAD com o título Ama teu Corpo), observa que a ética sexual contemporânea “ensina os jovens a ver o corpo como uma mercadoria e o sexo como uma transação, desassociada de qualquer compromisso emocional ou espiritual” (PEARCEY, 2018). A autora argumenta que essa visão fragmentada da sexualidade destrói o valor intrínseco do ser humano como portador da imagem de Deus, desumanizando tanto o corpo quanto a alma.

Carl R. Trueman, em The Rise and Triumph of the Modern Self, argumenta que “a cultura moderna coloca o eu interior como a fonte máxima da verdade, e o corpo físico, incluindo a sexualidade, é moldado para servir a esse eu interior,

sem nenhuma referência a uma verdade transcendente” (TRUEMAN, 2020). Trueman alerta que esse processo de reconfiguração da sexualidade humana, centrado no desejo individual e desprovido de uma estrutura moral externa, resulta em uma sociedade fragmentada e espiritualmente empobrecida.

A Bíblia é clara sobre as advertências à forma como devemos lidar com a nossa sexualidade:

Fujam da imoralidade sexual! Qualquer outro pecado que alguém comete não afeta o corpo, mas a pessoa que comete imoralidade sexual peca contra o seu próprio corpo. Será que vocês não sabem que o corpo de vocês é o templo do Espírito Santo, que vive em vocês e lhes foi dado por Deus? Vocês não pertencem a vocês mesmos, mas a Deus, pois ele os comprou e pagou o preço. Portanto, usem o seu corpo para a glória dele. (1 Co 6.18-20, NTLH)

Fica clara a advertência do apóstolo Paulo sobre “fugir da imoralidade sexual”: ele ensina que o corpo é “templo do Espírito Santo”. A Palavra de Deus coloca o sexo num lugar de honra, que deve ser exercido dentro do contexto do casamento, refletindo a união espiritual entre Cristo e sua igreja. A libertinagem distorce o papel bíblico do sexo e o reduz a um ato desapegado e sem compromisso.

Por isso, Deus os entregou à impureza, pelos desejos do coração deles, para desonrarem o seu corpo entre si. Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito para sempre. Amém! Por causa disso, Deus os entregou a paixões vergonhosas. Porque até as mulheres trocaram o modo natural das relações íntimas por outro, contrário à natureza. Da mesma forma, também os homens, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo indecência, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro. Rm 1.24-27, NAA)

O apóstolo Paulo mostra como o afastamento de Deus desconfigura mentes e corpos. É essa desconfiguração que estamos assistindo com o uso desordenado da sexualidade. Sim, a banalização do sexo é a porta aberta para muitos estragos na sociedade.

Gosto do que a Palavra de Deus relata sobre José: ele manteve a postura ao recusar as investidas da esposa de Potifar. Essa história está registrada em Gênesis 39.6-12. José estava sendo assediado para cometer adultério. Ele não apenas rejeita as investidas, mas também se mantém focado nos princípios, no seu propósito. A convicção sobre os padrões bíblicos de um cristão não pode ser negociada, mesmo que a pressão social esteja cada vez mais intensa. Essa postura de resistência frente às pressões acaba por inspirar a igreja nos nossos dias. O posicionamento do fiel tocará nas próximas gerações de sua família.

Pista de Ação

Painel de Discussão

Santidade sexual em um mundo confuso.

Descrição

Convide líderes e especialistas para discutir o padrão sexual segundo o texto bíblico e como podemos ensiná-lo de maneira assertiva.

Provocação

Como a sexualidade pode ser ensinada e vivida segundo os propósitos de Deus.

Fundamento Bíblico

“A vontade de Deus é que vocês vivam em santidade; por isso, mantenham-se afastados de todo pecado sexual.”

1 Tessalonicenses 4.3 (NVT)

Capítulo 5

Opressores e Oprimidos: A Cultura Woke e a Desconstrução das Autoridades

A cultura woke define identidade pela opressão e vitimização, enquanto o cristianismo define a identidade em termos da Imago Dei, nossa criação à imagem de Deus.

– John Stonestreet (Breakpoint Commentary)

Essa cultura se capilariza nas mais diversas camadas da sociedade a partir da construção de narrativas. Uma dessas é a de opressores e oprimidos. E dessa forma eles têm desconstruído as autoridades tradicionais, sejam elas familiares, sejam religiosas, educacionais ou políticas, com objetivo claro de causar desordem.

As novas gerações questionam o papel das figuras de autoridade. A narrativa com que eles se deparam é de que o mundo se divide em opressores e oprimidos e que as estruturas com que eles conviveram a vida toda, sobretudo a família e a religião, na verdade são, segundo a cultura woke, instrumentos de dominação e controle.

O movimento woke tem uma forma particular de ver o mundo, onde tudo é reduzido a categorias de opressão. Quando a igreja adota essa visão, ela perde o foco na reconciliação com Deus. (Neil Shenvi, Critical Theory and Christianity)

É nesse momento que as novas gerações questionam a autoridade dos pais, pastores, líderes, sustentando discurso fomentado pelos militantes do movimento woke, pois afirmam que a opressão patriarcal precisa ser desconstruída. Esse discurso forja nos jovens uma postura de rebelião e resistência. Essa cultura é corrosiva aos valores cristãos de família e honra.

De acordo com um estudo da Pew Research Center realizado nos Estados Unidos em 2021, mais de 60% dos jovens entre 18 e 25 anos afirmaram desconfiar das instituições tradicionais de autoridade, incluindo a família, a igreja e o governo. Grande parte dessa desconfiança é atribuída à crescente influência de movimentos culturais que promovem a narrativa de que essas instituições são, em sua essência, opressoras.

Além disso, uma pesquisa realizada pela Barna Group em 2020 revelou que 50% dos jovens cristãos nos Estados Unidos questionam seriamente a legitimidade da liderança pastoral e familiar. A influência da ideologia woke, com seu foco na desconstrução das hierarquias, foi apontada como uma das principais razões para esse ceticismo.

Engana-se quem pensa que essa desconstrução é pontual e que se remete ao tempo da universidade. Infelizmente, não é apenas um aspecto cultural. Isso tem desdobramentos profundos na forma como os jovens enxergam seus pais e líderes.

Carl R. Trueman, em seu livro *The Rise and Triumph of the Modern Self*, observa que “a cultura moderna construiu uma visão de mundo onde a autoridade externa, especialmente a religiosa e a familiar, é vista como opressiva, e o indivíduo é encorajado a se libertar dessas estruturas” (TRUEMAN, 2020). Trueman argumenta que a cultura woke vai além da simples crítica social, visto que promove uma revolução moral e existencial contra qualquer forma de autoridade que possa ser percebida como limitadora.

Charles Taylor, em sua obra *A Secular Age*, discute como a modernidade encorajou o afastamento das tradições e autoridades transcendentais em favor da autonomia individual. Ele sugere que, à medida que as sociedades adotam o secularismo, a confiança nas autoridades religiosas e familiares diminui, sendo substituída por uma moralidade subjetiva que valoriza a libertação pessoal acima de qualquer norma externa (TAYLOR, 2007).

O texto bíblico vai de encontro ao que a cultura woke promove e essa narrativa de opressores e oprimidos não passa de mais uma cilada. A desconstrução das autoridades é uma forma de evitar qualquer voz de orientação, paternidade e pastoreio, por isso lutam a todo custo para afastar as novas gerações das figuras de autoridade.

Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que há foram ordenadas por Deus. (Rm 13.1)

Sujeitai-vos, pois, a toda ordenação humana por amor do Senhor; quer ao rei, como superior. (1 Pe 2.13)

A cultura woke tenta desconstruir as camadas de autoridade e liderança da

sociedade. Obviamente que esse comportamento rompe a relação entre Deus e o homem. Esse ciclo de desvalorização aponta para o afastamento da família, e, com certeza, sem a cobertura familiar, o jovem fica mais vulnerável ao isolamento e à desconstrução do futuro.

Filhos, obedeei a vossos pais no Senhor, pois isso é justo. Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa), para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra. (Ef 6.1-3)

Essa cultura que trabalha para desconstruir a sociedade a longo prazo tem método. É possível perceber uma linha do tempo no texto de Jeremias 9.21: “Porque a morte subiu pelas nossas janelas e entrou em nossos palácios, para exterminar das ruas as crianças e os jovens das praças”.

É exatamente assim que essa cultura atua, passo a passo, sem pressa, com o objetivo de ferir e descaracterizar. Sim, a ideia é gerar um colapso nas relações familiares e institucionais, levando ao descontrole emocional e à desconexão espiritual. “Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem mal; que fazem da escuridade luz, e da luz escuridade; e fazem do amargo doce, e do doce amargo!” (Is 5.20).

Toda e qualquer inversão moral que a cultura woke promove é prevista no texto bíblico. Essa constante tentativa de redefinir os conceitos de justiça e de pecado serão rechaçados pelo crente atento e vigilante. A liderança precisa se posicionar!

A cultura woke segue causando confusão e dúvida na mente até dos seus militantes. Por exemplo: Em 2020, J. K. Rowling, autora da série Harry Potter, compartilhou uma série de tuítes em que criticava o uso do termo “pessoas que menstruam”, sugerindo que a palavra “mulheres” estava sendo desvalorizada. Isso gerou uma grande repercussão negativa, com muitos ativistas trans e defensores da cultura woke acusando-a de transfobia. A autora, em sua defesa, afirmou que suas preocupações giravam em torno da defesa dos direitos das mulheres e da liberdade de discutir questões de sexo e gênero sem censura. Esse episódio revelou um cenário difícil de entender no primeiro olhar, mas de todo complexo, porque se trata de militantes de ideologias que discutem espaço, que

“bebem da mesma fonte”, acusando-se mutuamente de censura e/ou desrespeito aos direitos fundamentais de grupos minoritários que se autoproclamam oprimidos. O fato acabou gerando bastante discussão: como cancelar alguém que atende as demandas da agenda woke?



Ativista LGBTQ+ reage aos discursos antitransgênero de J.K. Rowling no Twitter

Entrevista com o artista



Andréa Oldereidee

Donata Leskauskaite



95

LGBTQ+, NOTÍCIAS 23 DE OUTUBRO DE 2023

(BORED PANDA)

O desafio para os líderes de jovens é manter firme a importância de se submeter e honrar a autoridade em um mundo que flerta com a insubmissão. O enfrentamento passa pelo papel do ensino. De fato, a liberdade não é um discurso que camufla a rebelião, mas, sim, obediência aos ensinamentos de Deus. Esse ensino não é bem-visto e será facilmente cancelado onde quer que seja pronunciado. Entretanto, essa mentalidade pode salvar uma família.

A Bíblia nos mostra os desdobramentos da desconstrução de autoridades e a dinâmica entre opressores e oprimidos com os exemplos de Corá, Datã e Abirão contra Moisés, em Números 16. Nesse episódio, Corá e seus amigos se colocaram contra a liderança e a autoridade de Moisés, obviamente com argumentos contra a gestão e as decisões do libertador. Isso não era apenas uma pauta política, mas uma tentativa clara de desconstruir a ordem estabelecida. Essa narrativa é muito parecida com o que a cultura woke fomenta. Corá, Datã e Abirão agiram sob o pretexto de justiça e igualdade, mas, na verdade, pretendiam desestabilizar a liderança e a autoridade que Deus havia outorgado a Israel. Esse movimento feito pela oposição declarada contra a autoridade do Senhor nos convida a refletir sobre a influência da cultura woke e as consequências de uma rebelião que, à primeira vista, é cercada de argumentos que evocam justiça, mas que, de fato, esconde motivações que desconsideram os princípios divinos.

A cultura woke faz aquilo que eles alegam combater. Veja a seguir o texto publicado por uma empresa chamada McKinsey Brasil dando dicas que chamam de politicamente corretas para empresas:

Repense e organize seu estoque para garantir que pelo menos 15% dos seus produtos venham de negócios de pessoas não-brancas.

Dobre o número de pessoas não-brancas em todas as áreas de seu negócio.

Rotule claramente os produtos vindos de negócios de pessoas não-brancas, indicando sua origem e facilitando a decisão de compra.

Incorpore as histórias de origem nos rótulos e divulgações dos produtos vindos de pessoas não-brancas.

Use redes sociais e pessoas influenciadoras para promover negócios de pessoas não-brancas.

Essa cultura é violenta e nociva; todo cuidado é pouco com seus discursos supostamente inclusivos.

Pista de Ação

Atividade

Elaborar uma redação sobre autoridade espiritual.

Descrição

Peça ao grupo para escrever um texto sobre a importância de respeitar a autoridade de Deus e a liderança espiritual, em contraste com as ideologias modernas que promovem a desconstrução de autoridades.

Provocação

Como podemos ajudar os jovens a discernir a importância da autoridade divina e da liderança espiritual em uma cultura que incentiva a rebelião?

Fundamento Bíblico

“Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que há foram ordenadas por Deus.”

Romanos 13.1

Capítulo 6

O Amor como Discurso: A Mentira da Falsa Inclusão

Devemos ser claros: a cultura woke pode nos pressionar a ser mais ‘inclusivos’, mas a verdade de Cristo nos chama a ser fiéis à Palavra, não aos padrões culturais.

– J. D. Greear (Above All: The Gospel Is the Source of the Church’s Renewal)

Muito se fala de inclusão, sob vários aspectos, e esse debate é importante demais para uma sociedade atenta às necessidades das outras pessoas. Mas em nosso tempo, sobretudo sob a perspectiva da ideologia woke, promove-se um discurso em que a inclusão e o amor são imprescindíveis, contudo, na prática, o que existe é a imposição e o ódio. Neste capítulo vamos discutir o amor bíblico em confronto com a inclusão promovida pela cultura woke.

A narrativa dominante facilmente encontrada nos temas em qualquer mídia é que devemos aceitar todas as escolhas dos seres humanos sem questioná-las ou enfrentá-las. As novas gerações acabam se apropriando e assumem posturas autodestrutivas e pecaminosas, e todo questionamento será rotulado.

Já leu ou ouviu que toda forma de amor é válida? É possível ler isso em publicações, assistir em programas e séries, ouvir em músicas, e a verdade é que o amor sem confronto afasta a pessoa de Deus.

Um estudo realizado pelo instituto Barna Group, nos Estados Unidos, em 2021, revelou que 47% dos jovens cristãos acreditam que confrontar o comportamento pecaminoso de alguém é uma forma de intolerância. Esse número é um reflexo claro de como a mentalidade de inclusão irrestrita permeia as igrejas, levando muitos jovens a evitar qualquer tipo de correção espiritual por medo de serem considerados “intolerantes” ou “não amorosos”.

Além disso, uma pesquisa realizada pelo Pew Research Center, também nos Estados Unidos, em 2020, indicou que 60% dos jovens adultos entre 18 e 29 anos apoiam uma forma de inclusão que não exige a conformidade com padrões morais específicos, mesmo dentro de comunidades religiosas. Isso mostra o quanto a noção de amor e inclusão pregada pela cultura moderna tem distorcido a perspectiva bíblica sobre o amor, que é tanto compassivo quanto corretivo.

A perspectiva bíblica do amor é consciente, leal, contempla a escolha honesta e convicta. O amor de Cristo ainda leva esse tema para outro patamar, sendo profundo e verdadeiro. O amor de Jesus pela humanidade custou muito caro, o preço da cruz. É inadmissível que o amor seja banalizado e capturado para fomentar uma cultura que rivaliza com o evangelho. O aspecto do confronto a despeito do amor é muito marcante no texto bíblico. O encontro de Jesus com a “mulher adúltera” retrata bem isso. Vejamos:

Porém Jesus foi para o monte das Oliveiras. E, pela manhã cedo, voltou para o templo, e todo o povo vinha ter com ele, e, assentando-se, os ensinava. E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério. E, pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando, e, na lei, nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes? Isso diziam eles, tentando-o, para que tivessem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra. E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se e disse-lhes: Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela. E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra. Quando ouviram isso, saíram um a um, a começar pelos mais velhos até aos últimos; ficaram só Jesus e a mulher, que estava no meio. E, endireitando-se Jesus e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? E ela disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais. (Jo 8.1-11)

A palavra que nos chama atenção nessa passagem é o perdão, mas junto com ele também houve a correção, o confronto. Isso destoa do que a cultura woke promove — inclusão sem arrependimento, sem reflexão.

C. S. Lewis, em seu livro *The Problem of Pain*, afirma: “Amar é desejar o melhor para a pessoa amada, mesmo que isso signifique causar-lhes dor temporária”. Para Lewis, o amor genuíno envolve confrontação, quando necessário, para o bem-estar eterno da pessoa amada. O amor que aceita o erro e o pecado sem correção não é amor verdadeiro, mas uma forma de indiferença disfarçada de aceitação.

John Stott, em *The Cross of Christ*, escreve que: “A essência do pecado é o homem substituindo-se a Deus, enquanto a essência da salvação é Deus substituindo-se ao homem”. O mundo quer redefinir o amor e a inclusão à sua própria imagem, mas o evangelho nos chama a uma visão de amor que é centrada em Cristo, em que há espaço tanto para a inclusão quanto para o arrependimento e a transformação.

Esse tema é tão banalizado que no Brasil temos um espectro ideológico que se autoproclama o governo do amor. É facilmente perceptível o quanto esse termo foi usado para fomento de uma cultura que, na verdade, promove ódio por meio

do cancelamento e da perseguição aos seus opositores. Sim, a cultura woke promove uma mentira utilizando-se de dores reais. Existe a necessidade de a sociedade ser mais humana? Sim, existe. Mas isso não significa que, ao utilizarmos o amor, não seja de forma consciente e com ponderações honestas sobre com o que estamos lidando e nos relacionando. Quando o apóstolo Paulo escreve sua Carta e fala sobre o amor, ele se refere ao amor comportamental e consciente:

O amor é paciente e bondoso. O amor não arde em ciúmes, não se envaidece, não é orgulhoso, não se conduz de forma inconveniente, não busca os seus interesses, não se irrita, não se ressentido do mal. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. (1 Co 13.4-7, NAA)

O amor bíblico não é apenas aceitar o outro como ele é, mas também conduzi-lo à verdade de Cristo. E esse será o nosso desafio como líderes das novas gerações: equilibrar a inclusão com a verdade da Palavra de Deus, sem remover um ponto sequer do texto bíblico e sem a necessidade de atualizá-lo como algumas pessoas estão fazendo.

Esse tema ainda renderá muitos episódios, e as pessoas e as instituições terão que se explicar apenas pelo fato de assumirem um posicionamento na perspectiva bíblica da sexualidade.

Essa inclusão a todo custo está sendo discutido na igreja americana, sobre a aceitação das igrejas cristãs de casamentos entre pessoas do mesmo sexo. A Igreja Episcopal dos Estados Unidos, por exemplo, em 2015, decidiu permitir a realização de casamentos de casais do mesmo sexo em todas as suas dioceses. Esse movimento foi amplamente discutido como inclusão, gerando enorme debate sobre os princípios bíblicos em que isso esbarra. O mesmo aconteceu no Brasil em 2019, quando algumas igrejas começaram a adotar uma postura mais inclusiva em relação à comunidade LGBTQIA+.

É papel dos líderes e educadores cristãos se posicionarem por intermédio do ensino a respeito da crescente pressão para que a igreja seja “inclusiva”, comprometendo, assim, seus valores e crenças. Também é papel desses líderes

confrontar a sociedade quando perceberem que a política de acolhimento institucional está sendo demasiadamente inclusiva a ponto de desconsiderar a mensagem do evangelho a fim de que não pareça ofensiva. Equilíbrio e ensino do evangelho genuíno são os subtemas deste capítulo, e precisam ser alvo da reflexão das ações dos pastores e líderes. Precisamos ser acolhedores, sem perder a essência bíblica.

Pista de Ação

Atividade

Estudo de Caso: “Inclusão sem comprometer a verdade”.

Descrição

Apresente cenários em que líderes precisem tratar com questões de inclusão e amor, sem comprometer a verdade bíblica (por exemplo, lidar com uma pessoa LGBTQIA+ na igreja).

Provocação

Como equilibrar a graça e a verdade ao incluir e amar pessoas sem negociar os valores bíblicos?

Fundamento Bíblico

“[...] cheio de graça e de verdade.”

João 1.14

Capítulo 7

A Batalha pela Mente: Como a Igreja Responde à Ideologia Woke nas Universidades e na Mídia

E não vivam conforme os padrões deste mundo, mas deixem que Deus os transforme pela renovação da mente, para que possam experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

– Romanos 12.2, NAA

O texto bíblico de Romanos é tão significativo que nos coloca sob perspectiva. Precisamos enfrentar os padrões culturais da sociedade em que vivemos; esse é o foco da discussão a respeito da cultura woke.

O fato é que, na maior parte das universidades, se encontra um ambiente hostil ao pensamento conservador, às pessoas que preservam os valores cristãos. É evidente que a educação foi sequestrada pelas ideologias inimigas da família porque, de alguma forma, em algum momento da história, abrimos mão desse lugar como espaço missionário.

O que você acha menos custoso e mais rápido? Criar nossas universidades confessionais ou exercer maior influência nas universidades existentes? Sim, existe um impacto quando as novas gerações chegam ao ambiente acadêmico, isso é inegável. A militância, os confrontos quanto às escolhas de vida, hábitos, mentalidade. Enquanto muitas igrejas no Brasil não incluem em seus planos de atuação o campus da universidade mais próxima, a militância woke segue investindo pesado na captura da mente das novas gerações nos espaços acadêmicos. Não é somente um espaço de educação, é um lugar de guerra.

Há anos, preguei numa igreja em Duque de Caxias, uma cidade vizinha. No final do culto, a líder de jovens da igreja procurou-me com um jovem e, durante os poucos minutos que ali conversamos, ficou claro que o rapaz estava bem animado para ingressar na faculdade. Eu, a líder, o jovem e sua mãe oramos juntos. Os anos se passaram, atualmente aquele menino encontra-se totalmente desconfigurado, pois assumiu os discursos ensinados na faculdade. Meu Deus, quantos meninos e meninas, todos os anos, são cooptados pelas ideologias permissivas.

Muitos jovens chegam à faculdade imaturos quanto à vida, e ainda pior, sem qualquer entendimento dos valores cristãos e das questões basilares da fé cristã. Por esse motivo, são presas fáceis às ideologias enganosas.

A cultura woke percebeu que a faculdade é o lugar para fincar raízes. As faculdades se tornaram fábricas em larga escala de militantes. O que antes promovia pesquisas e discussões acadêmicas agora é o berço dos experimentos sociais, formando multiplicadores dos conceitos ensinados por professores militantes, alunos profissionais e diretórios que funcionam como bunkers partidários. Sim, precisamos responder a isso, apresentando o evangelho como

alternativa de renovação da mente.

Vocês são o sal para a humanidade; mas, se o sal perde o gosto, deixa de ser sal e não serve para mais nada. É jogado fora e pisado pelas pessoas que passam. (Mt 5.13, NTLH)

Para que não sejamos mais meninos, inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina, pelo engano dos homens que, com astúcia, enganam fraudulentamente. Antes, seguindo a verdade em caridade, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. (Ef 4.14-15)

O ingresso na faculdade, antes apenas nas universidades públicas e nos cursos de humanas, hoje, nas particulares e também nos cursos de exatas, permite um acesso maior à construção do discurso politicamente correto, que coloca os valores cristãos à prova. As aulas são baseadas em debates sobre justiça social, identidade de gênero e inclusão, obviamente sob perspectiva progressista.

O cristão fiel em nossa era woke será tratado como um pária. A cultura não tolera dissidência e exige conformidade com suas novas ortodoxias. (Rod Dreher, *Live Not by Lies: A Manual for Christian Dissidents*)

No começo, os jovens tentam manter sua fé, mas o tempo vai passando e com ele chegam as mais diversas pressões sociais a fim de que adotem narrativas predominantes no curso. Por algum motivo, os jovens começam a colocar sua fé em dúvida. Por um lado, eles desejam se manter fiéis à fé; por outro, precisam ser aceitos na comunidade acadêmica. Esses questionamentos são usados pelo Inimigo na desconstrução de suas convicções, e, à medida que essa cultura vai ganhando espaço na mente, logo o comportamento dos jovens começa a dar sinais de aceitação. Os seguidores da cultura woke trabalham com tempo e com método.

Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo. (Cl 2.8)

Um estudo do Cultural Research Center da Arizona Christian University, conduzido em 2020, nos Estados Unidos, revelou que cerca de 58% dos jovens adultos entre 18 e 29 anos acreditam que não há uma verdade moral absoluta, refletindo a influência do relativismo promovido nas universidades e na mídia. Esses jovens foram fortemente impactados por ideologias que pregam a desconstrução das instituições tradicionais, incluindo a igreja e a família, o que cria uma mentalidade contrária aos princípios bíblicos.

Além disso, uma pesquisa realizada nos Estados Unidos pelo instituto Barna Group, em 2021, mostrou que 68% dos jovens cristãos que frequentam universidades públicas relatam ter dificuldades em conciliar a sua fé com o que aprendem nas aulas.

Esse número sugere que as ideologias predominantes nas instituições de ensino não apenas entram em conflito com a fé cristã, mas também provocam uma verdadeira batalha mental nos estudantes.

Paralelamente, a mídia se move desempenhando seu papel na promoção dessas ideologias. Séries, filmes, campanhas publicitárias, programas jornalísticos, todos engajados na missão de relativizar a verdade e a moral, além de desconstruir os valores da família.

Segundo um estudo do Pew Research Center de 2022, 61% dos jovens americanos afirmam que obtêm suas principais informações sobre temas sociais e morais por intermédio da mídia de entretenimento, mais do que por meio de fontes educacionais ou religiosas.

A cultura woke nos recortes midiáticos apontam para o reforço da narrativa de opressores e oprimidos, tentando expor a igreja ou qualquer outra instituição que conserve os valores judaico-cristãos, como perpetuadora do sistema de opressão. Por causa desse pensamento, a fé cristã tem lugar de marginalização na cultura woke.

Francis Schaeffer, em seu clássico *A Morte da Razão*, profetizou a queda do pensamento lógico e a ascensão do relativismo moral: “A sociedade ocidental, ao abandonar a verdade absoluta e a racionalidade, começou a abraçar uma visão de mundo fragmentada, onde o sentimento pessoal e a percepção de injustiça são o guia supremo”.

As palavras de Schaeffer apontam diretamente para o que vemos hoje nas universidades e na mídia: uma cultura que rejeita verdades objetivas em favor de emoções e narrativas subjetivas.

Outro autor relevante nesse debate é Carl Trueman, em seu livro *The Rise and Triumph of the Modern Self*, no qual ele escreve: “A revolução cultural que testemunhamos hoje não se trata apenas de mudanças em normas morais, mas de uma transformação radical na forma como os indivíduos entendem o próprio conceito de identidade”.

Trueman enfatiza que as ideologias woke, centradas na autodeterminação e nas políticas de identidade, reconfiguram completamente a maneira como as pessoas percebem o mundo e a si mesmas, levando à desconstrução de qualquer autoridade externa, especialmente a divina.

Sim, a faculdade é realmente um ambiente desafiador. Em algum momento na história, dissemos que o ingresso na academia era um privilégio, afinal somos aproximadamente 211 milhões de pessoas, e cerca de 8.6 milhões de universitários. Mas estar em um campus universitário também precisa ser encarado como uma enorme responsabilidade com o futuro e a manutenção da fé.

A simples ideia de que a comunidade acadêmica pauta as suas ações pela mais absoluta isenção e objetividade é um mito; existe doutrinação sim. A fé será confrontada, todavia o que terá de fato valor será as novas gerações se apropriarem dos valores cristãos. A doutrinação dialoga confrontando a religião, dizendo ser apenas uma construção humana para responder aos anseios e temores humanos. Afirma que Deus não existe ou, se existir, é impessoal, e não se relaciona com o mundo. A respeito da Bíblia, afiança que se trata de um livro meramente humano, repleto de mitos e contradições. Jesus nunca existiu ou, no máximo, foi apenas um líder carismático. Sobre a criação, dizem ser impossível, visto que a evolução explica tudo o que existe. Os milagres são invenções supersticiosas, uma vez que conflitam com os postulados da ciência. Sim, os

adeptos da cultura woke têm uma dúvida para cada certeza nossa.

Uma pesquisa feita em 2006 nos Estados Unidos concluiu que cerca de 58% dos cristãos questionam sua fé após os estudos universitários. Todos esses embates vão tomando enormes proporções; é a cultura woke impactando o ambiente acadêmico e a mídia. Vejamos os recortes a seguir:

Em 2020, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), uma aluna trans acusou uma professora de transfobia por tratá-la com pronomes masculinos. A situação gerou grande repercussão, destacando as tensões entre as reivindicações de inclusão da cultura woke e as normas tradicionais de discurso. Este episódio reflete como a cultura woke encontrou força nas universidades, afetando debates sobre identidade e linguagem, exigindo uma resposta institucional e acadêmica que frequentemente divide opiniões. As universidades como Michigan e Stanford, por exemplo, adaptaram manuais de discurso, enquanto lideranças religiosas criticam a censura de valores mais conservadores.



Último mês: Veja por apenas 4,00/mês

Mundo

Onda 'woke' ganha força, e reproduz a intolerância que diz combater

Em nome do louvável propósito de banir o preconceito da sociedade, a turma que abraça a cartilha do politicamente correto sem limites tropeça em exageros

Por **Amanda Péchy** Atualizado em 4 jun 2024, 09h28 - Publicado em 16 fev 2024, 06h00



(VEJA)

Em um contexto mais amplo, a desinformação nas universidades também é uma pauta relevante no Brasil. Conforme apontado pela Academia Brasileira de Ciências, os desafios ideológicos que perpassam a educação superior, incluindo o embate entre ciência e crenças religiosas, mostram como a “batalha da mente” ocorre nas universidades. O estudo destaca que crenças e ideologias muitas vezes superam o conhecimento científico em temas como mudanças climáticas e saúde pública, reforçando a importância de uma educação crítica.

Universidades e pesquisadores precisam se engajar mais no combate à desinformação, diz Academia Brasileira de Ciências

Mentiras e teorias conspiratórias ameaçam a democracia e a confiança da sociedade na ciência, alerta livro da ABC

📅 20/06/2024 - Publicado há 4 meses ⌚ Atualizado: 26/06/2024 às 17:22



Texto: Herton Escobar
Arte: Joyce Tenório*



(JORNAL DA USP)

Diante desse cenário altamente afetado por esse tanto de pensamento ideológico, devemos como líderes, entender pelo menos duas esferas de resposta. Valorizar a educação cristã, preparando as novas gerações no ensino das questões basilares da fé cristã, e pensar no campus das faculdades como nosso campo missionário. Nesse sentido, amplio a discussão a fim de que possamos olhar as unidades de ensino como um lugar para missões, porque já tem sido usado para fomento da cultura woke. Ensinar melhor e fazer da educação lugar de diálogo do evangelho. Se não há investimento em escolas confessionais, pelo menos utilizar a força das novas gerações no alcance do evangelho para toda criatura, ou, parafraseando, para todo estudante. Dessa forma, os líderes de jovens terão como missão o dever de munir os jovens com valores bíblicos, ajudando-os a identificar e refutar as mentiras da cultura woke.

Preparar as novas gerações para o enfrentamento dessas ideologias foi tema da pesquisa realizada pelo Apologetics Resource Center, nos Estados Unidos, que mostrou jovens cristãos que passam por treinamentos em apologética são significativamente mais capazes de manter sua fé durante a faculdade, com 75% relatando que se sentem preparados para enfrentar as pressões intelectuais e ideológicas.

Veja isso muito claramente descrito no texto bíblico a seguir:

Enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se revoltava em face da idolatria dominante na cidade. Por isso, falava na sinagoga com os judeus e os gentios piedosos; também na praça, todos os dias, com os que se encontravam ali. E alguns dos filósofos epicureus e estoicos discutiam com ele, havendo quem perguntasse: — Que quer dizer esse tagarela? Outros diziam: — Parece pregador de deuses estranhos. Diziam isso porque Paulo pregava Jesus e a ressurreição. Então, tomando-o consigo, levaram-no ao Areópago, dizendo: — Podemos saber que nova doutrina é essa que você ensina? Pois você nos traz aos ouvidos coisas estranhas e queremos saber o que vem a ser isso. Acontece que todos os de Atenas e os estrangeiros residentes não se ocupavam com outra coisa senão dizer ou ouvir as últimas novidades. Então Paulo, levantando-se no meio do Areópago, disse: — Senhores atenienses! Percebo que em tudo vocês são bastante religiosos, porque, andando pela cidade e observando os objetos de

culto que vocês têm, encontrei também um altar no qual aparece a seguinte inscrição: “AO DEUS DESCONHECIDO”. Pois esse que vocês adoram sem conhecer é precisamente aquele que eu lhes anuncio. — O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas; nem é servido por mãos humanas, como se precisasse de alguma coisa, pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais. De um só homem fez todas as nações para habitarem sobre a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação; para buscarem Deus se, porventura, tateando, o possam achar, ainda que não esteja longe de cada um de nós; pois nele vivemos, nos movemos e existimos, como alguns dos poetas de vocês disseram: “Porque dele também somos geração”. Portanto, visto que somos geração de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem. Deus não levou em conta os tempos da ignorância, mas agora ele ordena a todas as pessoas, em todos os lugares, que se arrependam. Porque Deus estabeleceu um dia em que julgará o mundo com justiça, por meio de um homem que escolheu. E deu certeza disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos. Uns zombam, outros creem. Quando ouviram falar de ressurreição de mortos, uns zombavam, e outros disseram: — A respeito disso ouviremos você em outra ocasião. A essa altura, Paulo se retirou do meio deles. Houve, porém, alguns homens que se juntaram a ele e creram; entre eles estava Dionísio, o areopagita, uma mulher chamada Dâmaris e, com eles, mais algumas pessoas. (At 17.16-34, NAA)

A percepção de Paulo quando chega a Atenas é de uma cidade que interage com diversas filosofias e ídolos. Os intelectuais da época, epicureus e estoicos, promoviam os pensamentos que sustentavam suas visões de mundo. Nesse contexto, surge Paulo discursando no Areópago, o centro do debate filosófico da cidade, e apresentando o evangelho de Cristo, o que, diga-se de passagem, demandava muita coragem. Obviamente, seria naquele contexto no mínimo um discurso desafiador às cosmovisões que regiam aquele povo. Paulo enfrenta o discurso ideológico, respondendo e demonstrando conhecimento e respeito ao contexto cultural, mas em seu pronunciamento ele defende com muita força a verdade do evangelho. A inspiração divina ao dizer “altar ao Deus desconhecido” foi um ato de sabedoria incrível, pois seu discurso segue apontando para o Deus criador e para a ressurreição de Jesus. Suas palavras confrontavam diretamente a cosmovisão epicurista — que negava a vida após a

morte e enfatizava o prazer como o maior bem —, bem como a cosmovisão estoica, que promovia o controle emocional e a racionalidade sobre a fé em um Deus pessoal.

[...] pelo contrário, santifiquem a Cristo, como Senhor, no seu coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que pedir razão da esperança que vocês têm. (1 Pe 2.15, NAA, grifos do autor)

Esse episódio demonstra a importância de estarmos preparados para nos posicionar frente à cultura woke. Líderes que entendem seu papel serão líderes que vão estudar para fornecer às novas gerações ferramentas e orientações com base no texto bíblico para lidarem com essa cultura. A batalha ideológica que a igreja enfrenta hoje é nas universidades e na mídia, onde filosofias e ideologias, incluindo a cultura woke, têm o objetivo de sequestrar a mente das pessoas. Assim como Paulo em Atenas, a igreja precisa estar preparada para responder a essas ideologias, não com fuga ou silêncio, mas com uma postura firme, embasada nas Escrituras. A batalha pela mente nas faculdades e na mídia exige uma compreensão profunda das correntes filosóficas contemporâneas e uma resposta bíblica que, assim como Paulo fez, utilize a sabedoria e a revelação de Deus para confrontar e redirecionar essas ideologias.

A batalha que estamos enfrentando não é apenas ideológica, mas espiritual pela captura de corações e mentes. Conheço muitos jovens que estão enfrentando esse conflito todos os dias. Como líderes das novas gerações, temos a responsabilidade de prepará-los para essa batalha, e faremos isso ensinando os valores cristãos que tanto tentam desconstruir. Investindo tempo no ensino da Palavra de Deus, minimizamos o impacto sofrido pelos jovens ao ingressarem no meio universitário. Nesse sentido, proponho que você, líder, acolha seus jovens em suas crises e dúvidas a respeito da fé, ensine o evangelho genuíno e assuma uma postura missionária quanto às unidades de ensino do seu bairro e cidade.

Pista de Ação

Atividade

Realizar um seminário sobre o tópico: Armaduras para a mente cristã.

Descrição

Organize um seminário para discutir como as ideologias seculares impactam a mente dos jovens. Encoraje os líderes a equiparar os jovens com uma mentalidade bíblica.

Provocação

Como podemos ajudar nossos jovens a renovar a mente diante das influências culturais que enfrentam nas faculdades e mídias?

Fundamento Bíblico

“[...] transformem-se pela renovação da sua mente.”

Romanos 12.2 (NVI)

Capítulo 8

A Influência da Cultura Woke nas Redes Sociais

Ao sucumbir às exigências culturais da ideologia woke, a igreja corre o risco de perder sua contracultura distinta e o poder transformador do evangelho.

– Trevin Wax (Rethink Yourself: The Power of Looking Up Before Looking In)

As redes sociais se tornaram o local em que a batalha cultural ganha palco e plateia. Nas mídias sociais, narrativas se formam, ganham força e se destroem. A cultura woke se vale desse lugar tão imenso e plural.

Essa cultura investe tudo na capilarização que as redes sociais podem oferecer. Para se ter uma noção do alcance, as redes sociais levaram um total de 4 anos para atingir um público de 50 milhões de pessoas; o rádio levou 38 anos e a televisão 13 anos.

Já são 5,4 bilhões de usuários ativos nas redes sociais, o que representa 62,3% da população mundial. 53,5% são do gênero masculino e 46,5% são do gênero feminino (Datareportal, 2024). No mundo, a população passa em média 2 horas e 23 minutos por dia navegando nas redes sociais. (RDSTATION)

As redes sociais ocupam um lugar privilegiado no uso da internet pelos brasileiros. Não à toa, são 144 milhões de usuários no País, 1,4% a mais que em 2023. Isso representa 66,3% do total da população. (NEGÓCIOS SC)

Esse engajamento se dá pelo tempo dedicado às redes sociais. Há pouco tempo, as pessoas separavam uma pequena parte do seu dia; hoje, as novas gerações não conseguem imaginar viver em um ambiente off. Mike Krieger, um dos criadores do Instagram, afirmou: “Para minha geração, não há mais uma divisão clara entre o que é estar off-line ou on-line; sempre estamos on-line”.

De todos esses números, a pesquisa a seguir é extremamente assustadora, pois sinaliza o tempo considerável que deixamos de nos relacionar com quem amamos. Pesquisadores e psicólogos frequentemente debatem em seus congressos a possibilidade de acrescentar “vício em internet” à lista de doenças de ordem mental. A hipótese é que o uso em excesso esteja associado a distúrbios neurológicos. Usuários de redes sociais, como Facebook e X, passarão 10% de suas vidas nas redes, segundo a revista inglesa London City Girl Magazine.

As redes sociais, além de alcançar inúmeras vidas, também se tornaram lugar de patrulhamento. Como as pessoas têm o hábito de expor sua visão cristã sobre temas como casamento e sexualidade, os posicionamentos pessoais passaram a ser alvo dos haters, pessoas que fomentam o cancelamento de outros indivíduos se não concordam com seu ponto de vista sobre algum tema. Os haters se expressam nos comentários nas redes sociais, geralmente acusando alguém de intolerância. O início desses embates costuma passar por um comportamento passivo-agressivo, expondo nas respostas um pseudorespeito. Entretanto, à medida que as críticas aumentam, o nível do debate pode tomar um caminho desrespeitoso, ou o bloqueio do militante, ou, o mais difícil, estudar bastante a cultura woke e como contrapor com sua fé.

Segundo uma pesquisa realizada pelo Pew Research Center, nos Estados Unidos, em 2021, 72% dos jovens adultos nos Estados Unidos disseram que frequentemente discutem questões de justiça social nas redes sociais. Desses, a maioria está inclinada a adotar posições alinhadas à cultura woke, que enfatiza a desconstrução de estruturas tradicionais e promove uma forma de inclusão que muitas vezes entra em choque com princípios bíblicos. Além disso, o estudo revelou que as redes sociais são a principal fonte de informação para 45% dos adolescentes, tornando-as um campo fértil para a formação de ideologias que moldam a visão de mundo dessa geração.

Outro estudo, realizado pelo Center for the Study of Global Christianity, também nos Estados Unidos, em 2022, apontou que 60% dos cristãos ativos em redes sociais sentem pressão para adequar suas crenças às normas culturais dominantes, especialmente em temas polêmicos como identidade de gênero, sexualidade e moralidade.

Expressar nossa fé nas redes sociais é cada vez mais desafiador e tem implicações. Se existe um lugar em que a cultura woke fará qualquer esforço para disseminar suas mentiras, com certeza, é nas redes sociais. É possível elencar pelo menos três aspectos que tornam esse lugar favorável ao alcance da cultura woke. São eles:

Fácil criação e propagação de fake news.

Construção de hábitos sociais que sustentam a necessidade inconsciente de

mostrar que temos vidas perfeitas.

Lugar de cooptação imediata de um exército de não pensadores.

O papel do líder nas redes sociais

A cultura woke nas redes sociais busca redefinir valores e moldar a forma como entendemos justiça, verdade e identidade. Por isso, é imperativo que dediquemos tempo ao ensino do evangelho, sistematizando esse ensino ao longo da nossa agenda de eventos durante o ano. Não é possível que, ao final de um ano, nossa juventude não saiba se pronunciar sobre alguma disciplina basilar da fé cristã e, paralelamente, construir um caminho de instrução e defesa da fé para combater a influência da cultura woke,

Tendo Jesus como espelho, que tomou tempo do seu ministério no confronto às normas culturais de sua época, a igreja hoje é chamada a fazer o mesmo, usando também as redes sociais. O cristão nas redes sociais deve refletir postura e oferecer uma mensagem de esperança e verdade, baseada nos valores do Reino de Deus.

Nesse sentido, precisamos de uma metanoia digital, buscando releituras do ide ordenado por Jesus, considerando as redes sociais como campo missionário. “Porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido” (At 4.20).

Ao ver os espaços capturados pela ideologia woke, calar-se é omissão! Como líderes, prestaremos conta diante de Deus a respeito das novas gerações, por isso não podemos nos omitir em hipótese alguma. Enquanto muitos se levantam para produzir conteúdo a fim de se tornarem digital influencers, que aconteça em nosso meio uma grande metanoia digital a fim de que os jovens cristãos se tornem apologetas e missionários das redes sociais.

Depois disso, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Então, disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim. (Is 6.8)

Pista de Ação

Atividade

Criação de conteúdo digital: “A voz do Reino nas redes sociais”.

Descrição

Peça aos jovens para criarem conteúdos para redes sociais que reflitam os valores do Reino de Deus, combatendo narrativas seculares. Defina um dia para essa atividade e façam juntos.

Provocação

Como podemos usar as redes sociais como uma ferramenta para promover a cultura do Reino, em vez de nos conformarmos à cultura dominante?

Fundamento Bíblico

“Vós sois a luz do mundo.”

Mateus 5.14-16

Capítulo 9

A Influência da Cultura Woke no Cenário Político

*Quando os justos se multiplicam, o povo se alegra; quando o ímpio domina,
então o povo lamenta.*

– Provérbios, 29.2, NAA

Estamos cada vez mais afetados pela política e ainda hoje escuto que devemos nos afastar dela. Existe uma necessidade real de engajamento de pessoas com valores cristãos com o objetivo de representar os 60% de brasileiros que se assumem tementes a Deus; é legítimo e necessário. É no cenário político que a influência da cultura woke promove leis a seu favor e tenta amordaçar o cidadão comum.

A política é um lugar de discussão de ideias e tem na representatividade decisões que vão refletir a vontade do povo. Em tese, isso é perfeito, mas, na prática, nem sempre acontece, e outros interesses são atendidos. A cosmovisão cristã é importante para a construção de uma sociedade mais justa e humana. Temos o compromisso de eleger pessoas que representem nossa leitura conservadora; isso fará muita diferença na construção das leis e projetos.

Nós somos responsáveis pelo outro, estando atento a isto ou não, desejando ou não, torcendo positivamente ou indo contra, pela simples razão de que, em nosso mundo globalizado, tudo o que fazemos (ou deixamos de fazer) tem impacto na vida de todo mundo, e tudo o que as pessoas fazem (ou se privam de fazer) acaba afetando nossas vidas. (Zygmunt Bauman)

A influência da cultura woke no cenário político é inegável. É somente observar alguns discursos e propostas de políticas públicas que se percebe um movimento que atende uma minoria e afeta diretamente a maioria. Aliás, essa é a dinâmica da influência da cultura woke na política — gerar engajamento pelas minorias suprimindo direitos de qualquer um que não atenda suas narrativas.

Essa cultura gera um impacto no cenário político. Ela se expandiu de maneira significativa nos últimos anos, influenciando o discurso político, a criação de políticas públicas e a mentalidade de toda uma geração.

Dados de um estudo publicado pelo Cato Institute, em 2020, indicam que 62% dos americanos têm medo de expressar suas opiniões políticas devido ao clima de censura imposto pela cultura woke. Esse fenômeno, conhecido como “cultura do cancelamento”, tem sufocado o debate aberto, especialmente sobre temas morais e religiosos.

Outra pesquisa, conduzida pela Pew Research Center em 2021, revelou que 48% dos jovens adultos americanos acreditam que a liberdade de expressão deve ser limitada em certos contextos, especialmente se o discurso for considerado “ofensivo” para as minorias.

Esses dados evidenciam como a ideologia woke está moldando não apenas as percepções sobre justiça social, mas também a liberdade individual, incluindo a liberdade religiosa.

É possível perceber a criação de leis e projetos alinhados aos ideais woke, na maioria das vezes, em detrimento de valores cristãos tradicionais. Questões como a agenda abortista, racial, linguagem neutra, militância LGBTQIA+, políticas de gênero, geralmente são esses recortes que vão nortear o debate, levando ao cancelamento das vozes que se opõem a essas mudanças, sobretudo as fundamentadas em princípios bíblicos.

A política é um campo de missão para os cristãos, em que podemos exercer nossa fé e trabalhar para o bem comum, promovendo justiça e igualdade.
(Marcos Pereira)

Nesse cenário, não é possível dialogar de fora. É imprescindível eleger pessoas que estejam preparadas para o debate público e, sobretudo, que percebam a política como um propósito. Essa esfera da sociedade é um campo de batalha, no qual se pretende expurgar os valores cristãos na sociedade, por isso carecemos de pessoas sérias e que saibam sua importância nesse cenário.

Valmir Nascimento discute no seu livro *Entre a Fé e a Política* o envolvimento dos cristãos na política. Ele destaca a legitimidade desse envolvimento como um direito democrático. No entanto, ele alerta para os perigos que essa participação pode causar como o “escândalo ao evangelho”, caso não seja conduzida de forma sábia e ética, algo que dialoga com a visão de que a justiça social na perspectiva bíblica é focada no cuidado com o próximo e na integridade moral, em vez de se guiar por uma agenda política que possa se desviar dos valores cristãos.

A crítica de Nascimento ao “engessamento” do sistema político e ao

fisiologismo também reflete uma preocupação com o fato de que muitos projetos de justiça social acabam perdidos em disputas ideológicas, o que contrasta com a justiça bíblica, que é imparcial e busca sempre o bem comum e a restauração daquilo que foi perdido.

Então, nosso comprometimento precisa ser intencional e sábio. A Bíblia nos apresenta como “embaixadores de Cristo”, representantes dos valores do Reino de Deus em todas as esferas da sociedade, incluindo a política.

O cristão é chamado a ser uma voz ativa em prol da justiça, mas de uma justiça que reflita o caráter de Deus. Timothy Keller, em seu livro *Generous Justice*, diz: “A justiça bíblica não é apenas uma questão de redistribuição econômica ou de correção de desigualdades sociais. Ela é, antes de tudo, sobre trazer todas as coisas em conformidade com a vontade de Deus, que é o padrão último de justiça”.

A partir dessas palavras, fica muito claro que o nosso engajamento não pode ser separado dos valores do evangelho, diferente disso, pois deriva única e exclusivamente dele. Nossa presença no cenário político aponta para a transformação da cidade, a luta por uma justiça que não seja moldada pela cultura woke, mas, sim, pelos ensinamentos de Deus.

A seguir, apresentamos dois exemplos significativos do que estamos tratando:

O papel da cultura woke nas eleições presidenciais brasileiras (2018-2022): Durante as eleições, discursos pautados pela cultura woke, especialmente relacionados à diversidade e inclusão, tiveram destaque, tanto em apoio quanto em oposição. Movimentos em prol dos direitos LGBTQIA+ e contra o racismo, impulsionados por ativistas digitais nas redes sociais, influenciaram candidatos e pautas. Esse contexto gerou reações intensas de lideranças evangélicas, que argumentaram que a cultura woke é incompatível com os valores cristãos tradicionais. Líderes cristãos, como pastores influentes, mobilizaram campanhas contra essa agenda, fortalecendo a base conservadora. A cultura woke foi um divisor importante no debate político, expondo tensões entre movimentos progressistas e grupos cristãos conservadores.

A ascensão do ativismo woke nos Estados Unidos e sua influência política: Nos Estados Unidos, a cultura woke tem impactado diretamente as decisões políticas, especialmente em temas como direitos civis e justiça social. Campanhas de conscientização sobre desigualdade de gênero e racial, muitas vezes impulsionadas por hashtags e movimentos online, levaram a mudanças legislativas e à pressão por políticas mais inclusivas. O movimento Black Lives Matter [Vidas Negras Importam] é um exemplo de como a cultura woke nas redes sociais pode moldar o discurso político, promovendo reformas na segurança pública e na justiça criminal. O engajamento cristão, especialmente por grupos evangélicos conservadores, muitas vezes se posiciona contra essas pautas, defendendo uma visão bíblica tradicional da sociedade.

Após analisar esses exemplos, é possível compreender como a cultura woke tem exercido uma grande influência no panorama político, tanto no Brasil quanto internacionalmente, gerando debates que perpassam a esfera política e ganham qualquer roda de conversa no nosso dia a dia.

Agora, perceba que a Palavra de Deus tem parâmetros para o comprometimento da igreja no cenário político. Vejamos:

O papel do governo segundo a Bíblia:

Que todos estejam sujeitos às autoridades superiores. Porque não há autoridade que não proceda de Deus, e as autoridades que existem foram por ele instituídas. Assim, aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus, e os que resistem trarão sobre si mesmos condenação. Porque os magistrados não são para temor, quando se faz o bem, e sim quando se faz o mal. Você quer viver sem medo da autoridade? Faça o bem e você terá louvor dela, pois a autoridade é ministro de Deus para o seu bem. Mas, se você fizer o mal, então tenha medo, porque não é sem motivo que a autoridade traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar quem pratica o mal. Portanto, é necessário que vocês se sujeitem à autoridade, não somente por causa do temor da punição, mas

também por dever de consciência. É por isso também que vocês pagam impostos, porque as autoridades são ministros de Deus, atendendo constantemente a este serviço. Paguem a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem respeito, respeito; a quem honra, honra. (Rm 13.1-7, NAA)

Destacamos alguns personagens bíblicos e um breve resumo de suas atuações que mostram como a fé e a política podem dialogar.

Moisés: Estabeleceu leis e diretrizes para governar a nação. Ele foi uma figura central na formação da identidade política e religiosa de Israel.

Davi: Unificou as tribos e estabeleceu Jerusalém como a capital, além de expandir o território e consolidar o reino.

Salomão: É lembrado pela paz e prosperidade, bem como por suas decisões judiciais justas.

José: Foi governador do Egito e administrou os recursos do reino durante um período de fome.

Daniel: Serviu em posições de alta responsabilidade dos governos da Babilônia e da Pérsia, mantendo sua fé e integridade enquanto influenciava decisões políticas importantes.

Ester: Usou sua posição para salvar o povo judeu de um plano genocida e mostrou coragem e liderança política.

Neemias: Conseguiu permissão para retornar a Jerusalém e reconstruir os muros da cidade, organizou o povo e enfrentou a oposição local.

Débora: Juíza e profetisa em Israel. Liderou o povo na batalha contra os cananeus, mostrando comando militar e político. Ela também julgava disputas e orientava o povo.

Josias: O rei de Judá que promoveu uma grande reforma religiosa e

política, destruindo altares pagãos e restaurando o culto ao Deus de Israel. Ele centralizou o culto em Jerusalém.

Ezequias: Rei de Judá, fortaleceu a defesa de Jerusalém contra a Assíria e promoveu reformas religiosas. Extinguiu ídolos e restaurou o Templo. Buscou alianças políticas para proteger seu reino.

Essa lista, com o passar dos anos, foi sendo ampliada, com atuações em todas as esferas do cenário político. É possível perceber que o desempenho dos evangélicos na política nacional tem se intensificado e aumentado nas últimas décadas.

O ethos pentecostal não se limita ao ambiente eclesial, mas se projeta na esfera pública como agente transformador, opondo-se a ideologias que relativizam valores fundamentais à luz das Escrituras. (Douglas Baptista)

A nossa postura deve seguir para além dos espaços de culto, atuando na sociedade e prezando, em qualquer cenário, pela manutenção de princípios bíblicos. Isso não negociaremos!

O crescimento da bancada evangélica no Congresso Nacional reflete não apenas o aumento do número de evangélicos no Brasil, mas também uma maior conscientização política e desejo de participação ativa na construção do país. (Ricardo Bitun, grifos do autor)

A Frente Parlamentar Evangélica (FPE) no Congresso Nacional conquistou cerca de 15% das cadeiras na Câmara dos Deputados, atuando em diversas comissões estratégicas, como a Comissão de Constituição e Justiça e a Comissão de Direitos Humanos, dialogando com temas como saúde, educação, questões indígenas, direitos das mulheres, violência contra crianças, questões LGBTQIA+

e combate à pedofilia. Lugar de debates importantíssimos em que pese a necessidade de representação.

Esse aumento da participação dos evangélicos precisa ser acompanhado da qualificação desses representantes públicos. Se não nos qualificamos, prestaremos um péssimo serviço ao Reino e à sociedade. No pleito de 2022, a convite de um amigo, estava assistindo a um pronunciamento de um pastor, esse, candidato a deputado federal pelo Rio de Janeiro. Na ocasião, ele, sendo bem eloquente em sua fala, disse que estava ali pedindo nosso voto porque, como deputado, poderia ir à China pregar o evangelho e não ser questionado por isso. De fato, não sei se ele teria essa liberdade da pregação nesse país, mas a pauta política desse irmão se vale do apelo evangelístico da pregação do evangelho em outro país. Na prática, ele pretende ser missionário com o dinheiro público. Honestamente, acho que ninguém deve ter considerado mostrar para aquele irmão a importância de um deputado federal para as mazelas do nosso país, sobretudo do estado que ele pretendia representar. Quando falo que estamos diante de um cenário de guerra cultural, esses candidatos não entendem o peso de sua atuação no parlamento. A cultura woke também se vale da ignorância política para se manter avançando no cenário da construção de leis.

O cristão deve lidar com a política e as ideologias de maneira que reflita a influência expressiva da sua fé, evitando a idolatria política e promovendo a justiça e a misericórdia. (Jonas Madureira)

Para contribuição dos próximos representantes políticos, sobretudo considerando que as novas gerações, se valendo das redes sociais, estão chegando com força nesse cenário, é importante alertar que a pauta moral, embora legítima e importante, não significa tudo. A cidade carece de representantes que entendam a sua função e sejam engajados nas dores da população. Gosto do confronto protagonizado por Mardoqueu, quando se posicionou frente à rainha Ester. Quando ela se mostrou hesitante, ele disse:

Se ficar calada num momento como este, alívio e livramento virão de outra parte para os judeus, mas você e seus parentes morrerão. Quem sabe não foi

justamente para uma ocasião como esta que você chegou à posição de rainha?
(Et 4.14, NVT)

Se a igreja não se posicionar frente à pressão cultural, será empurrada ao silenciamento. Nesse sentido, precisamos nos posicionar com clareza e seriedade. A cultura woke pretende avançar silenciando, cancelando e se sobrepondo à verdade. Por isso, não podemos, em hipótese alguma, nos acomodar a uma cultura que influencia o absolutismo judiciário, que patrulha as opiniões ou qualquer posicionamento contrário às pautas ideológicas. Nosso posicionamento na política é urgente! E, para que fique claro, não se trata de impor uma agenda bíblica, mas para representar interesses que dialogam com a justiça e a verdade.

A pergunta a seguir deve ser motivo de bastante reflexão para as lideranças, porque leva ao entendimento da nossa função e nos coloca sob perspectiva. “Quem é você? Qual é sua profissão? De onde vem? Qual é sua nacionalidade?” (Jn 1.8, NVT).

O pastor Ashbel Green Simonton (1833-1867) afirmava que “Se o campo é o mundo, então todas as esferas precisam ser ocupadas”. Quando você orar, lembre-se dessas palavras, peça a Deus sabedoria e ousadia para ocupar os espaços necessários no enfrentamento de qualquer ameaça aos valores cristãos.

Pista de Ação

Atividade

Roda de Conversa: “Engajamento político à luz do evangelho”.

Descrição

Promova uma roda de conversa em que os líderes discutam como a cultura woke está moldando as agendas políticas atuais. Desafie-os a identificar em que momento o evangelho se alinha ou diverge dessas pautas e como os cristãos podem se engajar politicamente sem renunciar aos princípios bíblicos.

Provocação

Como líderes, somos chamados a influenciar a sociedade com os valores do Reino. Como podemos nos engajar politicamente sem nos conformar com os padrões do mundo?

Fundamento Bíblico

“Toda autoridade vem de Deus...”

– Romanos 13.1,2 (NVT)

Capítulo 10

Líderes Coniventes com a Cultura Woke versus Líderes Implicados com o Enfrentamento

Aconivência é um comportamento silencioso que cala líderes e muda destinos. Na prática, é ver o fenômeno influenciar o grupo que lideramos e fechar os olhos considerando que não temos conhecimento suficiente para lidar com aquele tema. Isso é se omitir e, em última análise, sim, é ser conivente com o pecado.

Na jornada pessoal e profissional, essas decisões fazem parte das políticas de relações. O problema é quando o líder negocia a vida de outras pessoas. Assistir à cultura woke capturar a mente e o coração das novas gerações e não se posicionar por medo de ser cancelado é ser conivente. Sim, decisões coniventes podem atender interesses pessoais, contudo, podem nos afastar dos interesses do Céu.

Em nossos dias, essa linha é tênue, a diferença entre líderes que se acomodam à cultura woke e aqueles que, corajosamente, enfrentam os desafios dessa ideologia.

Os líderes de jovens estão atuando num momento extremamente conflituoso. Estamos assistindo à ideologia woke ganhar força. Nossa pregação precisa confrontar esse sistema, visto que nossos ensinamentos ferramentam as novas gerações a que tenham entendimento para se posicionar e manter nosso discurso focado na centralidade de Cristo e na mensagem do evangelho. Infelizmente, ao longo dos anos, muitas pessoas mudam, e no objetivo de atrair mais do que confrontar, algumas começam a adaptar suas mensagens, suavizando o tom sobre pecados, adotando discursos sobre aceitação, inclusão e amor sem qualquer reflexão ou confronto. Nesse contexto, muitos líderes não querem ser vistos como “intolerantes”. Confesso que ainda me assusto com o tanto de postagem nas redes sociais de líderes que, percebendo ou não, compartilham conceitos da cultura woke e, por conta dessa mensagem diluída, acabam produzindo muitos eventos “legais”, que dialogam inclusive com temas militantes.

Os líderes que entendem sua importância na vida do grupo que lideram se posicionarão corretamente, e sim há um custo enorme. Custa muito se manter fiel à Palavra de Deus. Não se trata de ser insensível às lutas sociais ou aos desafios enfrentados pelos jovens, mas ter mente que a solução para os problemas enfrentados por essa geração não consiste em ceder às pressões culturais, mas, sim, em levar as pessoas ao arrependimento e à verdade do evangelho. Não se engane! Esse tipo de liderança será rotulada como retrógrada e intolerante.

A cultura woke joga as pessoas contra quem não milita suas pautas. Obviamente que isso vai gerar enorme pressão sobre os líderes das novas gerações. Estudos recentes indicam que essa coação afeta significativamente a forma como os líderes abordam questões morais.

Segundo uma pesquisa realizada em solo americano pelo Barna Group, em 2021, cerca de 54% dos líderes religiosos afirmam que sentem pressão para não pregar sobre questões polêmicas, como homossexualidade, aborto e ideologia de gênero, por medo de perder membros da igreja, especialmente entre as gerações mais jovens.

Além disso, 65% dos líderes entrevistados admitiram que suavizam ou omitem certos tópicos para evitar ofender a cultura moderna. Isso evidencia uma tendência preocupante: muitos líderes estão se tornando coniventes com a cultura woke, ajustando suas mensagens para serem aceitos e relevantes, em vez de permanecerem fiéis à verdade bíblica.

É possível perceber que muitos líderes estão negociando valores bíblicos por conta da aprovação social. Na tentativa de evitar conflitos, eles mudam o foco de sua mensagem e passam a tratar apenas do bem-estar social do grupo que lideram. Isso pode até gerar crescimento, mas será de pessoas sem arrependimento que vão entender a comunhão apenas como conveniência.

Veja o exemplo de Ezequias:

Pouco tempo depois, Merodaque-Baladã, filho de Baladã, rei da Babilônia, enviou cartas e um presente para Ezequias, pois soube que o rei tinha estado muito doente e havia se recuperado. Ezequias recebeu com alegria os mensageiros babilônios e lhes mostrou tudo que havia na casa do tesouro: a prata, o ouro, as especiarias e os óleos aromáticos. Também os levou para conhecer seu arsenal e lhes mostrou tudo que havia nos tesouros do rei. Não houve nada em seu palácio nem em seu reino que Ezequias não lhes mostrasse. Então o profeta Isaías foi ver o rei Ezequias e lhe perguntou: “O que esses homens queriam? De onde vieram?”. Ezequias respondeu: “Vieram da Babilônia, uma terra distante”. “O que viram em seu palácio?”, perguntou Isaías. “Viram tudo”, Ezequias respondeu. “Eu lhes mostrei tudo que possuo, todos os meus tesouros.” Então Isaías disse a Ezequias: “Ouça esta mensagem do Senhor

dos Exércitos: ‘Está chegando o dia em que tudo em seu palácio, todos os tesouros que seus antepassados acumularam até agora, será levado para a Babilônia. Não ficará coisa alguma’, diz o Senhor. ‘Até mesmo alguns de seus descendentes serão levados para o exílio. Eles se tornarão eunucos e servirão no palácio do rei da Babilônia’”. Ezequias disse a Isaías: “A mensagem do Senhor que você transmitiu é boa”. Pois o rei pensava: “Pelo menos haverá paz e segurança durante minha vida”. (Is 39.1-8, NVT)

Ezequias assumiu o reinado com 25 anos e reinou por 29 anos. Ele conhecia o cuidado de Deus, tendo vencido uma batalha sem ter de pelejar — o rei apenas assistiu ao livramento. Naquele dia, morreram 185 mil inimigos, provando que Deus cuida dos seus. O rei Ezequias tinha uma boa relação com o Senhor, e em uma de suas orações pedindo mais tempo de vida sua sentença de morte recuou. Deus ainda lhe acrescentou 15 anos de vida. Está registrado no texto bíblico que Ezequias:

Ezequias confiava no Senhor, o Deus de Israel. Não houve ninguém como ele entre todos os reis de Judá, nem antes nem depois. Ezequias se apegou ao Senhor, não se afastou dele e teve o cuidado de obedecer a todos os mandamentos que o Senhor tinha ordenado por meio de Moisés. (2 Rs 18.5,6, NVT)

Sobre a visita e os agrados do inimigo ao rei Ezequias, trataremos agora. Quem era Merodaque-Baladã? Ele era um rei babilônico que governava um distrito caldeu ao norte do golfo Pérsico. Seu nome significava, em assírio, “Marduque deu um filho”.

Quem era Marduque? Marduque era o principal deus da Babilônia no tempo de Nabucodonosor. No poema de Enuma Elish, Marduque aparece como o herói dos deuses e dos humanos, e como criador do universo. Portanto, é muito natural que o rei babilônio seja um propagador dessa divindade. Merodaque era a adaptação hebraica do nome Marduque e significa “rei dos deuses”. Só esse detalhe já era suficiente para que o rei Ezequias não mantivesse com aquele povo uma estreita relação de amizade e comunhão, a ponto de abrir as portas de

sua casa aos seus mensageiros. Aquela visita não era conveniente e merecia um alerta!

O Inimigo trabalha a longo prazo para desconstruir nossa defesa, manda presentes, corteja, faz com que nos sintamos importantes, até que baixamos a guarda, removemos nossas defesas e pronto, estamos vulneráveis a qualquer ataque do mal.

A indagação do profeta Isaías assumia que o risco de extermínio era iminente. Qualquer crente ajuizado não permite aproximação de um inimigo com presentes; ele sabe que a qualquer momento um golpe virá pela frente. O profeta então anuncia o cativo:

Então Isaías disse a Ezequias: “Ouça esta mensagem do Senhor dos Exércitos: ‘Está chegando o dia em que tudo em seu palácio, todos os tesouros que seus antepassados acumularam até agora, será levado para a Babilônia. Não ficará coisa alguma’, diz o Senhor. ‘Até mesmo alguns de seus descendentes serão levados para o exílio. Eles se tornarão eunucos e servirão no palácio do rei da Babilônia’”. (Is 39.5-7)

O profeta Isaías anuncia que não se perderia somente a riqueza de bens materiais; a perda afetaria também seus descendentes, os seus familiares e o seu trono. Após a sentença, leia a reação do rei:

Ezequias disse a Isaías: “A mensagem do Senhor que você transmitiu é boa”. Pois o rei pensava: “Pelo menos haverá paz e segurança durante minha vida”. (Is 39.8)

Ou melhor, pelo menos comigo nada vai acontecer, já com a minha família não é um problema que me cabe. Essa é uma das marcas de líderes coniventes: eles se preocupam apenas com seus próprios interesses.

Mas você precisa saber disto: nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis. Pois os seres humanos serão egoístas, avaros, orgulhosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem afeição natural, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, convencidos, mais amigos dos prazeres do que amigos de Deus, tendo forma de piedade, mas negando o poder dela. Fique longe também destes. Pois entre estes se encontram os que se infiltram nas casas e conseguem cativar mulheres tolas, sobrecarregadas de pecados, que são levadas por todo tipo de desejos, que estão sempre aprendendo e nunca conseguem chegar ao conhecimento da verdade. E do mesmo modo que Janes e Jambres resistiram a Moisés, também estes resistem à verdade. São homens que têm a mente totalmente corrompida, reprovados quanto à fé. Mas esses não irão longe, porque a insensatez deles ficará evidente a todos, como também aconteceu com a insensatez de Janes e Jambres. (2 Tm 3.1-9, NAA)

Esse tipo de liderança convence as pessoas a se sentirem confortáveis em seus pecados, em vez de levá-las ao arrependimento.

Pois virá o tempo em que as pessoas já não escutarão o ensino verdadeiro. Seguirão os próprios desejos e buscarão mestres que lhes digam apenas aquilo que agrada seus ouvidos. Rejeitarão a verdade e correrão atrás de mitos. (2 Tm 4.3-4, NVT)

Por outro lado, os líderes que entendem o seu chamado não se dobram diante do pecado e se recusam a diluir o evangelho para agradar o mundo.

Veja a relevância no discurso contundente de João Batista, que enfrentou a liderança corrupta de sua época ao denunciar os pecados do rei Herodes (Mt 14.1-11). Ele sabia que suas palavras trariam consequências graves, mas escolheu a verdade em vez da conveniência. É esse tipo de líder que precisamos para este tempo de enfrentamento à cultura woke.

John Stott, em seu livro *Between Two Worlds*, ressalta:

A tarefa do pregador cristão é estar com um pé na Escritura e o outro no mundo contemporâneo, mas nunca deve comprometer o primeiro para ser relevante no segundo. Devemos ser fiéis à Palavra, independentemente de como o mundo reage.

Diferente de toda conveniência do rei Ezequias, vemos em Neemias, um líder implicado.

As palavras de Neemias, filho de Hacalias. E sucedeu no mês de quisleu, no ano vigésimo, estando eu em Susã, a fortaleza, que veio Hanani, um de meus irmãos, ele e alguns de Judá; e perguntei-lhes pelos judeus que escaparam e que restaram do cativeiro e acerca de Jerusalém. E disseram-me: Os restantes, que não foram levados para o cativeiro, lá na província estão em grande miséria e desprezo, e o muro de Jerusalém, fendido, e as suas portas, queimadas a fogo.

E sucedeu que, ouvindo eu essas palavras, assentei-me, e chorei, e lamentei por alguns dias; e estive jejuando e orando perante o Deus dos céus. E disse: Ah! Senhor, Deus dos céus, Deus grande e terrível, que guardas o concerto e a benignidade para com aqueles que te amam e guardam os teus mandamentos! Estejam, pois, atentos os teus ouvidos, e os teus olhos, abertos, para ouvires a oração do teu servo, que eu hoje faço perante ti, de dia e de noite, pelos filhos de Israel, teus servos; e faço confissão pelos pecados dos filhos de Israel, que pecamos contra ti; também eu e a casa de meu pai pecamos. De todo nos corrompemos contra ti e não guardamos os mandamentos, nem os estatutos, nem os juízos que ordenaste a Moisés, teu servo. Lembra-te, pois, da palavra que ordenaste a Moisés, teu servo, dizendo: Vós transgredireis, e eu vos espalharei entre os povos. E vós vos convertereis a mim, e guardareis os meus mandamentos, e os fareis; então, ainda que os vossos rejeitados estejam no cabo do céu, de lá os ajuntarei e os trarei ao lugar que tenho escolhido para ali fazer habitar o meu nome. Estes ainda são teus servos e o teu povo que resgataste com a tua grande força e com a tua forte mão. Ah! Senhor, estejam, pois, atentos os teus ouvidos à oração do teu servo e à oração dos teus servos que desejam temer

o teu nome; e faze prosperar hoje o teu servo e dá-lhe graça perante este homem. Então, era eu copeiro do rei. (Ne 1.1-11)

Parece pouco? Neemias preocupou-se com o seu povo, afinal de contas os seus muros estavam destruídos, as portas queimadas, habitantes desanimados, vulneráveis e angustiados. Essa notícia toca profundamente um Neemias que estava confortável com seu cargo. A despeito da vida que vivia, o texto bíblico fala que ele chorou, lamentou, orou, jejuou, tomou tempo pensando em uma forma de ajudar seu povo. Nesse sentido, buscou forças fora de si mesmo; identificou-se com seu povo. Sempre que leio esse texto, glorifico a Deus e oro pedindo ao Senhor que mais líderes como Neemias assumam suas responsabilidades na nossa nação. Segundo Bill Hybels, “novos ‘estados’ provocam novas atitudes, novas aptidões e novas ações”.

Confrontar a ideologia woke pode custar caro, mas precisa ser feito! Observe a quantidade de jovens que estão se perdendo, cooptados por essa cultura. Precisamos tomar parte nisso, assumir nosso papel! É importante entender que não existe neutralidade.

Um estudo realizado pelo Cultural Research Center da Arizona Christian University, em 2022, mostrou que apenas 37% dos pastores nos Estados Unidos têm uma cosmovisão bíblica, e muitos estão influenciados por ideologias progressistas, como a cultura woke.

É importante ser bíblico, ser implicado e assumir imediatamente seu papel nessa guerra cultural.

Pista de Ação

Atividade

Estudo de personagens bíblicos corajosos.

Descrição

Estudo sobre líderes bíblicos como Daniel, Neemias e João Batista que, em tempos de pressão cultural, se mantiveram firmes na verdade. Relacione com o papel dos líderes de hoje em dia.

Provocação:

O que significa ser um líder corajoso que enfrenta as ideologias da cultura woke com a verdade do evangelho?

Fundamento Bíblico:

“E, se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses.”

– Daniel 3.18

Capítulo 11

A Importância da Educação Cristã no Enfrentamento das Pautas Assumidas pela Cultura Woke

A educação cristã desempenha papel de enorme relevância para a igreja, sobretudo, considerando a formação espiritual e moral dos crentes, e moldando valores. Naturalmente, orienta os próximos passos do aluno e fortalece a fé nos momentos de tribulação. Raramente um aluno de Escola Dominical será cooptado por ideologias, porque durante seus anos de formação passa por um currículo muito bem preparado que oferece os fundamentos bíblicos de que precisa. A educação será a última fronteira na guerra cultural; ela é imprescindível no enfrentamento à cultura woke e seus ideais progressistas. Se a educação cristã é importante no processo de defesa da fé cristã, ela antes também é um alvo prioritário.

A Universidade Presbiteriana Mackenzie, uma das mais renomadas instituições cristãs no Brasil, posicionou-se firmemente contra as pautas progressistas ligadas à ideologia de gênero. O reitor da universidade publicou uma carta aberta criticando a pressão para que as instituições educacionais adotem ensinamentos woke, como a neutralidade de gênero e a desconstrução de valores tradicionais. A universidade destacou a importância de uma educação ancorada nos valores bíblicos, para preservar a identidade cristã e formar jovens com uma visão ética e moral alinhada aos princípios da fé.

Diversas escolas cristãs nos Estados Unidos estão enfrentando desafios jurídicos e sociais por manterem currículos que seguem ensinamentos bíblicos, em oposição às pautas woke, como a inclusão de educação sexual progressista e a aceitação de identidades de gênero múltiplas. Segundo um artigo publicado pela Christian Post, uma escola foi notificada judicialmente por não implementar políticas de gênero inclusivas, alegando que tais práticas violariam sua missão de promover uma educação cristã. A escola reforçou a importância de proteger a visão de mundo bíblica contra pressões externas.

Sim, a educação cristã está no centro do debate sobre os valores tradicionais em contraste com as ideologias promovidas pela cultura woke. E esses embates ideológicos vão sempre caminhar ou esbarrar na ideologia de gênero, desconstrução de autoridade e relativismo moral. Nesse sentido, o aluno da Escola Dominical está a cada trimestre sendo firmemente ensinado a não cair nesse engodo cultural.

Por isso, recentemente viralizou um vídeo de uma mulher satanista orientando suas amigas a se infiltrarem na Escola Dominical das igrejas a fim de

desconstruírem ainda na primeira infância os conceitos bíblicos da mente dos alunos. Não me assusta, aliás, faz até muito sentido, que a cultura woke e todos que buscam desconstruir as bases do evangelho e do conservadorismo busquem o roteiro educacional, onde se forma opinião, e nisso, as escolas, universidades e até mesmo nas mídias sociais, a fim de promover pautas que frequentemente desafiam os princípios cristãos.

Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos pelo Barna Group em 2020 revelou que 64% dos jovens cristãos que ingressam na universidade abandonam sua fé após o primeiro ano de estudos. Além disso, outra pesquisa do Pew Research Center mostrou que, entre os jovens adultos nos Estados Unidos, 41% dos que se identificam como cristãos acreditam que as igrejas devem “modernizar” suas doutrinas para se adequar aos novos padrões sociais.

Isso indica que as novas gerações não estão sabendo lidar com os constantes ataques à fé cristã, e, quando submetidos, muitos silenciam ou desistem de professar sua fé, preferindo adaptar seus discursos.

Nenhum evento é tão necessário se de fato não tiver o aspecto do ensino atrelado à proposta do evento. Já temos muitos ajuntamentos; precisamos de urgência no aspecto do ensino bíblico. Precisamos de líderes que assumam suas responsabilidades no ensino, e de professores que entendam seu papel de líderes. Precisamos ensinar às novas gerações a discernir as ideologias promovidas pela cultura woke para que possam respondê-las de maneira bíblica.

O teólogo e pastor Francis Schaeffer (1912-1984) alertava sobre os perigos de uma cultura que se distancia de Deus, afirmando que “quando o mundo moderno se separa de Deus, perde sua base moral e lógica”. Schaeffer acreditava que a igreja deveria estar na linha de frente do enfrentamento cultural, equipando seus membros para viverem de acordo com os princípios do Reino de Deus em um mundo que rejeita esses fundamentos.

John Piper, em seu livro Think, destaca a importância de uma educação que não apenas informa, mas que transforma. Ele escreve: “O objetivo da educação cristã não é apenas dar conhecimento, mas moldar a mente e o coração à semelhança de Cristo. Nós precisamos de uma mente que pense com clareza e um coração que ame com discernimento”.

É importante mencionar que a educação cristã não deve ser vista como uma

atividade secundária ou opcional dentro da igreja. Foi exatamente o que a igreja a tornou ao longo dos anos, algo menos frequentado, pouco investido. Do contrário, a educação cristã é a principal ferramenta para moldar crentes que serão capazes de enfrentar as influências da cultura woke. Para tal, precisamos investir em líderes e educadores cristãos comprometidos com essa causa. Já temos organizadores de eventos demais, precisamos de pessoas que entendam o que significa liderar em tempos de guerra. “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8.32).

Destacamos alguns recortes e dados sobre a educação cristã para nos servir de parâmetros:

De acordo com o IBGE, a população do Brasil em julho de 2024 era de 212.583.750 habitantes. Este número representa um crescimento de 4,68% em relação aos resultados do Censo Demográfico de 2022. (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS)

Os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil nos últimos 30 anos, segundo dados do IBGE. Em 1980, representavam pouco mais de 6% da população, agora são 22%. (JORNAL DA USP, 2023)

Há algumas décadas, na maioria das igrejas tradicionais, era comum o número de matriculados na escola dominical ultrapassar o de membros da igreja. Entretanto, o que se pode dizer das escolas dominicais atualmente? (Marcos Tuler)

O Pr. Gilberto Celeti, superintendente Nacional da APEC (Aliança pró-evangelização de crianças) no Brasil, diz que se percebe uma tendência cada vez mais acentuada de esvaziamento da escola dominical e que há muitas igrejas que não têm nenhuma preocupação quanto ao que seus alunos recebem de educação bíblica e cristã.

Segundo pesquisa da convenção batista, 70% das igrejas entrevistadas não possuem um sistema de avaliação em relação à educação cristã por ela realizada.

Sessenta por cento dos líderes consideram a educação cristã como um ministério específico.

Uma pessoa se desenvolve física, mental, emocional e espiritualmente do nascimento até a morte. Por isso, a educação cristã acompanha e promove esse processo de desenvolvimento da personalidade, que segue muitas fases, e cada uma possui características próprias.

Como a educação cristã pode colaborar com o enfrentamento da cultura woke?

Ao longo dos anos, líderes de jovens e adolescentes entregaram o ensino bíblico aos professores da Escola Dominical, assumindo apenas as demandas de eventos do departamento. Isso foi, sem dúvida, a pior escolha que poderia ter sido feita. Hoje, temos milhares de jovens nas igrejas sem líderes ensinadores. Pessoas que lotam estádios, mas sem qualquer fundamento da fé cristã. Acredito que a repetição é pedagógica, por esse motivo, friso que os líderes precisam voltar a ensinar e os professores da Escola Dominical precisam liderar mais.

Devemos atuar para que os líderes e os jovens entendam a cultura e o tempo não para aceitar ou absorver, mas para influenciar e enfrentar com o evangelho que cremos.

Nós nos aquartelamos e deixamos de lado as esferas importantes de atuação; está em nossas mãos a mudança desse cenário. “Se é ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino” (Rm. 12.7).

Se queremos ver uma geração saudável espiritualmente e livre das influências da cultura woke, será preciso investir tempo e recursos numa educação cristã profunda, envolvente e transformadora. Será assim que as novas gerações poderão discernir a verdade da mentira e, dessa forma, resistirão às filosofias vazias. “Persiste em ler, exortar e ensinar, até que eu vá” (1 Tm 4.13).

Nossa missão permanece em educar, exortar e ensinar, cuidando para que as novas gerações possam enfrentar as pautas fomentadas pela cultura woke. Essa geração de líderes responderá por essa geração de jovens.

Pista de Ação

Atividade

Realizar um workshop com o tema: “Educadores cristãos preparando a próxima geração”.

Descrição

Conduza um workshop em que os líderes discutam e desenvolvam estratégias para integrar a educação cristã sólida nas escolas e na igreja, enfrentando as pautas da cultura woke.

Provocação

Como podemos garantir que nossos jovens sejam educados na verdade bíblica, capacitando-os para enfrentar as ideologias seculares?

Fundamento Bíblico

“Ensine a criança no caminho em que deve andar.”

– Provérbios 22.6 (NAA)

Conclusão

Que Igreja Queremos Ser no Enfrentamento da Cultura Woke?

Quando a igreja adota a mentalidade woke, ela enfraquece sua missão principal de pregar o evangelho e se compromete com um evangelho social que, na melhor das hipóteses, é incompleto.

– Mark Dever (Marks Journal)

A cultura woke tem sido um desafio porque exige posicionamento imediato da igreja. Não adianta criticar de longe os estragos que as ideologias woke causam às novas gerações; precisamos fazer um esforço e avançar nas trincheiras da guerra cultural. Seremos uma igreja que se adapta às narrativas culturais, ou nos firmaremos nos valores do Reino de Deus, mesmo que isso traga oposição e cancelamento?

A cultura woke, conforme descrita por autores como Helen Pluckrose e James Lindsay em *Cynical Theories* (2020), é um movimento baseado em teorias críticas que buscam desmontar estruturas de poder e corrigir injustiças históricas. Ela se manifesta fortemente em áreas como raça, gênero e sexualidade, com uma ênfase particular em desconstruir o que é percebido como opressão sistêmica. Embora essa abordagem tenha ganhado força nas universidades e na mídia, a igreja evangélica muitas vezes se encontra em conflito com suas implicações, especialmente quando o movimento exige que os valores cristãos sejam relativizados em nome da inclusão.

De acordo com uma pesquisa feita pelo Pew Research Center de 2021, 66% dos jovens entre 18 e 29 anos, nos Estados Unidos, apoiam fortemente os princípios da cultura woke, o que inclui a defesa da justiça social e dos direitos das minorias. Esse percentual é significativamente maior do que em qualquer outra faixa etária. Esses dados revelam o quanto a juventude, muitas vezes a força vital das igrejas, está sendo moldada por essas ideias.

Não podemos fechar os olhos diante de uma grande parte das novas gerações assumindo discursos progressista, nossa resposta precisa ser imediata!

Timothy Keller, em seu livro *Church in a Secular Age* (2019), afirma que “a igreja precisa oferecer uma contracultura atrativa, uma visão do mundo que transcenda a cultura em vez de simplesmente se alinhar a ela”. Keller destaca que a igreja deve, sim, ser uma voz relevante em questões de justiça, mas não ao custo de comprometer os fundamentos bíblicos. Ele argumenta que a igreja deve ser “culturalmente envolvida, mas teologicamente firme”.

Uma das armadilhas do movimento woke é a relativização do conceito de verdade. Nancy Pearcey, em *Love Thy Body* (publicado pela CPAD com o título *Ama teu Corpo*), adverte que a desconstrução das categorias tradicionais de corpo, gênero e identidade está diretamente ligada a uma visão distorcida da

realidade que nega a ordem criada por Deus. Pearcey afirma que “a igreja precisa reafirmar o valor da criação e da ordem divina, demonstrando como os padrões de Deus são bons para a humanidade”.

A igreja que queremos ser:

prática e aplicação

A cultura woke é uma religião secular. Ela tem suas próprias doutrinas, liturgias e hereges. E a igreja está constantemente sob pressão para se conformar com essa nova religião. (Matt Walsh, Church of Cowards: A Wake-Up Call to Complacent Christians)

Essa cultura estabeleceu-se para confundir e em sua militância pretende desconstruir valores fundamentais da sociedade. Seja nas Olimpíadas, seja em outros eventos, é possível ver homens disputando contra mulheres, e a sociedade assistindo a tudo isso silenciada, porque sabe que se falar será sumariamente cancelada pelo patrulhamento da militância. Sim, estamos vivendo um movimento constante e irreversível de inversão de valores. O certo somente será certo se atender à narrativa progressista.

Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos; porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te. (2 Tm 3.1-5)

O filósofo Zygmunt Bauman retrata que a sociedade está divorciada dos

conceitos bíblicos. O comportamento sugerido nos seus textos interage com todas as esferas da sociedade e traz reflexão e confronto com nossa forma de manifestar nossa fé. A cultura woke interfere em todas as camadas da sociedade. Na família, por exemplo: Na Espanha, um adolescente chamou a guarda civil para sua mãe, quando ela lhe tirou o celular para que ele estudasse. O filho processou a mãe e a promotoria chegou a pedir detenção de nove meses, o que foi negado pelo juiz. O “honra teu pai e tua mãe” se perdeu no meio do caminho.

A revolução woke é, em última análise, uma guerra espiritual. Ela ataca diretamente a verdade bíblica sobre a criação, o pecado, o gênero e a redenção. (Owen Strachan, Christianity and Wokeness: How the Social Justice Movement is Hijacking the Gospel)

Os textos bíblicos parecem terem sido escritos considerando o enfrentamento da igreja nos tempos da cultura woke. Não leia apenas, ouça a voz de Deus o alertando:

Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor. (1 Co 15.58, grifo do autor)

Vigiai, estai firmes na fé, portai-vos varonilmente, e fortalecei-vos. (1 Co 16.13, grifo do autor)

Permanecem firmes para todo o sempre; e são feitos em verdade e retidão. (Sl 111.8, grifo do autor)

Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança, porque fiel é o que

prometeu. (Hb 10.23, grifo do autor)

Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não veem. (Hb 11.1, grifo do autor)

A igreja é rotulada de não ser inclusiva. Quando perguntado sobre o assunto, geralmente respondo que os critérios para que uma pessoa vá para o céu foram estabelecidos pelo próprio Deus, e quem deseja passar a eternidade com Ele precisa obedecer ao que Ele ordenou.

Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que tenham direito à árvore da vida e possam entrar na cidade pelas portas. Ficarão de fora os cães e os feiticeiros, e os que se prostituem, e os homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete a mentira. (Ap 22.14,15)

Vimos no texto da mulher adúltera que o nosso Jesus era hábil em acolher, mas não aceitava e nem negociava que as pessoas permanecessem em pecado. Sua proposta sempre apontava para mudanças reais. E não, meu Jesus não compactua com o politicamente correto da sociedade. Suas palavras confrontam esse comportamento!

A cosmovisão woke desconsidera a dignidade humana dada por Deus e coloca o indivíduo no centro, sem qualquer referência a uma moralidade transcendente. (Nancy Pearcey, Love Thy Body, publicado pela CPAD com o título Ama teu Corpo)

Essa tentativa da sociedade em moldar a igreja ao seu próprio jeito de viver não é nova. Veja o exemplo do profeta Daniel, mostrando que, a despeito da vida na

Babilônia, existia uma Jerusalém no seu coração, forjando seu caráter e mediando suas decisões.

Os líderes de jovens e professores da Escola Dominical devem decidir que igreja querem ser, que igreja querem propor. A que busca relevância negociando a verdade do evangelho, ou a que permanece resistindo firme pela causa.

John Stott afirmou em seu livro *Christian Counter-Culture* (1978) que “a igreja é chamada a ser diferente da sociedade ao seu redor, não por uma diferença superficial, mas por uma distinção moral e espiritual que reflita o caráter de Cristo”.

Essa é a igreja que devemos ser: uma igreja que, ao enfrentar a cultura woke, mantém-se fiel à mensagem transformadora do evangelho.

Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda. (2 Tm 4.7-8)

Pista de Ação

Atividade

Planejamento estratégico para a igreja.

Descrição

Reúna sua equipe para elaborar um plano estratégico sobre como lidar com as pautas da cultura woke.

Provocação

Que tipo de igreja queremos ser no futuro? Como podemos ser fiéis à nossa missão diante das pressões culturais? “A revolução woke é, em grande parte, uma revolução antropológica. Ela redefine o que significa ser humano, deslocando o entendimento bíblico da criação, pecado e redenção” (Carl Trueman, *The Rise and Triumph of the Modern Self*).

Fundamento Bíblico

“Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo.”

– Efésios 6.11

Referências

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS. População estimada do país chega a 212,6 milhões de habitantes em 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41111-populacao-estimada-do-pais-chega-a-212-6-milhoes-de-habitantes-em-2024#:~:text=Na%20data%20de%20refer%C3%Aancia%20de,1%25%20do%20> Acesso em: 14 jan. 2025.

ASMUS, Barry; Grudem, Wayne. Economia e Política na Cosmovisão Cristã: contribuições para uma teologia evangélica. Editora Vida Nova. 2016. São Paulo.

BAPTISTA, Douglas. O Ethos Pentecostal na Esfera Pública. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2023.

BBC. O que é ‘woke’ e por que termo gera batalha cultural e política. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy4y82w737do>. Acesso em: 14 jan. 2025.

BEZERRA JR, Carlos. Fé Cidadã: quando a espiritualidade e a política se encontram. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2018.

BORED PANDA. LGBTQ+ Activist reacts to J. K. Rowling’s anti-transgender Twitter rants. Disponível em: <https://www.boredpanda.com/jk-rowling-transgender-comments-controversy/>. Acesso em: 14 jan. 2025.

CHATRAW, Joshua D.; PIOR, Karen Swallow. Engajamento Cultural: um curso intensivo sobre questões contemporâneas e as diferentes perspectivas cristãs. Rio de Janeiro: Editora Thomas Nelson Brasil, 2021.

CUNHA, Maurício J. S.; WOOD, Beth A. O Reino entre nós: transformação de comunidades pelo evangelho integral. Minas Gerais: Editora Ultimato, 2003.

CUNHA, Maurício. O Reino de Deus e a Transformação Social. Fundamentos, princípios e ferramentas. Editora Ultimato. 2018. Minas Gerais.

EL PAÍS. Você foi cancelado: o movimento woke e sua falta de relativismo moral. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-08-15/voce-foi-cancelado-o-movimento-woke-e-sua-falta-de-relativismo-moral.html>. Acesso em: 14 jan. 2025.

FERREIRA, Nikolas. O Cristão e a Política. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2022.

FRESTON, Paul. Religião e Política, Sim. Igreja e Estado, Não. Minas Gerais: Editora Ultimato, 2006.

G1. O que é ‘woke’ e por que o termo gera uma batalha cultural e política nos EUA. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/11/08/o-que-e-woke-e-por-que-o-termo-gera-uma-batalha-cultural-e-politica-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 14 jan. 2025.

GRUDEM, Wayne. Política segundo a Bíblia: princípios que todo cristão deve conhecer. São Paulo: Editora Vida Nova, 2014.

INSTITUTO LIBERAL. Os riscos da cultura “woke” no ambiente empresarial. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/blog/politica/os-riscos-da-cultura-woke-no-ambiente-empresarial/>. Acesso em: 14 jan. 2025.

JORNAL DA USP, 2023. Um em cada três adultos no Brasil se identifica como evangélico. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/um-em-cada-tres-adultos-no-brasil-se-identifica-como-evangelico/#:~:text=Os%20evang%C3%A9licos%20foram%20o%20segmento,p>. Acesso em: 14 jan. 2025.

JORNAL DA USP, 2024. Universidades e pesquisadores precisam se engajar mais no combate à desinformação, diz Academia Brasileira de Ciências. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/universidades-e-pesquisadores-precisam-se-engajar-mais-no-combate-a-desinformacao-diz-academia-brasileira-de-ciencias/>. Acesso em: 14 jan. 2025.

KOYZIS, David T. Visões e Ilusões Políticas: uma análise e critica cristã das ideologias contemporâneas. São Paulo: Editora Vida Nova, 2014.

LEEMAN, Jonathan. Por que se Enfurecem as Nações: reflexões sobre fé e política em tempos de polarização. Rio de Janeiro: Editora Thomas Nelson Brasil, 2022.

LÍDERES DO AMANHÃ. Os riscos da cultura “woke” no ambiente empresarial. Disponível em: <https://lideresdoamanha.org.br/os-riscos-da-cultura-woke-no-ambiente-empresarial/>. Acesso em: 14 jan. 2025.

MUNDO CONSERVADOR. Entenda a cultura woke e os seus inegáveis danos sociais. Disponível em: <https://mundoconservador.com.br/entenda-a-cultura-woke-e-os-seus-inegaveis-danos-sociais/>. Acesso em: 14 jan. 2025.

NASCIMENTO, Valmir. Entre a Fé e a Política. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2018.

NEGÓCIOS SC. O uso da internet, redes sociais e mídia no Brasil em 2024. Disponível em: <https://www.negociossc.com.br/blog/o-uso-da-internet-redes-sociais-e-midia-no-brasil-em-2024/#:~:text=Como%20vimos%2C%20as%20redes%20sociais,3%25%20do%2> Acesso em: 14 jan. 2025.

O GLOBO. Redes sociais passam dos 5 bilhões de usuários, revela informe. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2024/01/31/redes-sociais-passam-dos-5-bilhoes-de-usuarios-revela-informe.ghml>. Acesso em: 14 jan. 2025.

RDSTATION. 95 estatísticas de redes sociais para conhecer em 2024. Disponível em: <https://www.rdstation.com/blog/marketing/estatisticas-redes-sociais/> Acesso em: 14 jan. 2025.

REVISTA FÓRUM. Presidente do COL detona transfóbicos: ciência não

comprova quem é mulher ou homem. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/esporte/2024/8/9/presidente-do-coi-detona-transfobicos-cincia-no-comprova-quem-mulher-ou-homem-163661.html>. Acesso em: 14 jan. 2025.

SEMEAD. Evidências da cultura woke nas práticas e estratégias organizacionais. Disponível em: <https://login.semead.com.br/26semead/anais/arquivos/439.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2025.

SPRINGER NATURE. Archives of Sexual Behavior. Disponível em: <https://link.springer.com/journal/10508>. Acesso em: 14 jan. 2025.

VEJA. Onda woke ganha força e reproduz a intolerância que diz combater. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/onda-woke-ganha-forca-e-reproduz-a-intolerancia-que-diz-combater>. Acesso em: 14 jan. 2025.

VOLF, Miroslav. Uma Fé Pública: como o cristão pode contribuir para o bem comum. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2018.

ZWETSCH, Roberto E. (Org). Cenários Urbanos: realidade e esperança — desafios às comunidades cristãs. São Paulo: Editora Sinodal, 2014.

A CULTURA WOKE

A cultura “woke”, inicialmente focada em justiça racial, expandiu-se para incluir gênero, LGBTQIA+ e outros temas, desafiando valores tradicionais. O autor argumenta que essa cultura desconstrói princípios familiares e religiosos, promove uma visão contrária à fé cristã e influencia universidades e redes sociais, obviamente de forma sutil. A obra oferece uma análise crítica da cultura “woke”, explorando suas origens, evolução, impacto na sociedade e também na comunidade cristã. O autor examina questões como justiça social, identidade, ética sexual e autoridade, contrastando-as com os princípios bíblicos. A cultura “woke” não apenas critica estruturas sociais, mas também propõe uma nova perspectiva que desafia valores e princípios cristãos, desconstruindo mentalidades, cancelando marcos históricos e ridicularizando lideranças que defendem a fé. Essa abordagem agressiva e sem reservas desafia diretamente os fundamentos da fé cristã, exigindo uma resposta reflexiva e firme da comunidade cristã.



CPAD
cpad.com.br



CPADvideo



editoraCPAD



editora_cpad



EditoraCPAD

ISBN 978-65-5968-448-9



7 908234 019344